

RARJA

# Ferrovários de SP Derrotam Ademar: Greve Vitoriosa Antes de Deflagrada

Texto na 6ª página

# Dias Gomes Depõe Sobre o Teatro Brasileiro

Texto na 6ª página

# NOVOS RUMOS

ANO V — Rio de Janeiro, 17 e 23 de maio de 1963 — Nº 221

# Levar as Massas às Ruas Para Arrancar do Congresso e do Governo as Reformas



A rejeição, por parte da maioria da Comissão Especial da Câmara dos Deputados, da proposta constitucional que visa possibilitar realização de uma reforma agrária, e a onda de violência praticada pelo ministro da Guerra contra sargentos e oficiais patriotas por lutarem pelas reformas de base, reafirmam as forças retrógradas estão dispostas a qualquer preço a impedir a concretização dos mais autênticos anseios populares e nacionais.

Diante da tenaz e descomparada resistência dessas forças do obscurantismo e do atraso, só uma energizante e massiva luta de trabalhadores, camponeses, estudantes, intelectuais e todos os elementos progressistas — poderá fazer recuar a reação e conquistar a reforma da Constituição e as mudanças estruturais indispensáveis.

Esta edição, na 2ª pág. e integra do manifesto do CGT na 4ª pág.

## Kruel não pode mais ser ministro

O ministro-gorila Amauri Kruel desfechou encarniçada repressão contra os sargentos e alguns oficiais a pretexto da assembleia de sábado no IAPC, pelo aumento de 70% pelas reformas de base e contra o gorilismo. O orador oficial da solenidade, subtenente Gelei Rodrigues foi o primeiro preso. Foram presos também o general Alceu Jovine e o sargento Manuel da Silva, este depois de ter pedido asilo na Embaixada do Chile. Dezenas de outros sargentos estão sob ameaça de prisão.

Há, assim, um clima de absoluta insegurança no Exército — ao contrário do que acontece na Marinha e na Aeronáutica —, instalada pessoalmente pelo general Amauri Kruel e a serviço da campanha contra as reformas. Kruel faz, no Ministério da Guerra, o que Armando Falcão e Allomar Buleiro fazem na Câmara.

A demissão urgente desse gorila e uma providência que, há muito reclamada pelas forças democráticas, não pode mais ser objeto de negociações e manobras de cúpula.

A solidariedade que todo o povo presta, nesse momento, aos militares perseguidos se junta à exigência do imediato afastamento de Kruel do Ministério da Guerra. Na foto, o subtenente Gelei Rodrigues, quando era cumprimentado pelo deputado federal e sargento Garcia Filho, na assembleia do IAPC.

## TABELAMENTO DE LUBRIFICANTES

Em reunião realizada esta semana, o Conselho Nacional do Petróleo tomou uma resolução que pode ser considerada histórica: o tabelamento dos óleos lubrificantes.

Há cerca de cinco anos, as forças patrióticas se vêm batendo por essa conquista, mas tal tem sido a resistência dos trustes de petróleo que foi impossível obtê-la antes.

A questão dos óleos lubrificantes, pelos altos preços com que são vendidos e os lucros altíssimos que proporcionam às companhias estrangeiras de petróleo, assumiu importância nacional, já que através deles os monopólios canalizam para o estrangeiro, cada ano, lucros fabulosos. Atualmente, estima-se que o faturamento total dos lubrificantes no Brasil atinja perto de 100 bilhões de cruzeiros por ano, dos quais cerca da metade representa lucro líquido dos trustes.

Por outro lado, os óleos lubrificantes constituem uma das fontes principais que alimentam o suborno e a corrupção levados a efeito pelos trustes do petróleo, no Brasil, mediante a compra de jornais, estações de rádio e televisão, uma das fontes da campanha permanente de mistificação da opinião pública, indispondo-a contra o monopólio estatal do petróleo. Essas as razões por que as forças nacionalistas e democráticas saudam a decisão do Conselho Nacional do Petróleo e esperam que, em poucos dias, ela se transforme em fatos sensíveis pelos consumidores, através dos preços tabelados.

## CGT Mobiliza os Trabalhadores Para a Greve Pelas Reformas

O CGT divulgou nota oficial defendendo o direito dos sargentos e demais militares participarem da luta pela emancipação nacional e anunciando para o próximo dia 27 um encontro nacional, quando será fixado o esquema da greve geral pelas reformas de base.

A entidade máxima dos trabalhadores brasileiros declarou-se em assembleia permanente e recomendou aos sindicatos de todo o país que se mantivessem em estado de alerta, a fim de que possam cumprir a ordem de greve geral "a qualquer momento".

De todos os pontos do Brasil regressaram os emissários com um "sim" às consultas do CGT sobre a greve geral. Centenas de dirigentes sindicais já se pronunciaram positivamente. Já estando assegurada a adesão dos principais sindicatos, especialmente dos que integram o PUA e outros que abrigam atividades essenciais à vida do país. Na Guanabara, reuniu-se ontem a Comissão Permanente das Organizações Sindicais, aprovando um plano de ação para ser executado até o dia 25, com a realização de assembleias, conferências, atos públicos, comícios em portais de fábricas, etc.

### APOIO AOS SARGENTOS

A nota do CGT condena a ação dos latifundiários e gorilas e apresenta integral solidariedade aos trabalhadores e militares punidos por terem se manifestado favoravelmente às reformas de base.

Diz, então: "Qual foi o crime dos companheiros gráficos de São Paulo, para que se pretenda cassar seus mandatos dos diretores do seu Sindicato? Qual foi o crime dos sargentos e suboficiais de nossas gloriosas Forças Armadas para estarem sendo presos, perseguidos e transferidos?"

Uns e outros reuniram-se em suas organizações de classe para debaterem e lutarem em favor das reformas de base juntamente com suas reivindicações específicas.

Estelam certos os latifundiários, os grupos estrangeiros que espóliam a nosso povo e seus agentes nacionais, de que, na defesa de seus objetivos, os trabalhadores, camponeses, estudantes e demais patriotas civis e militares, não se intimidarão.

Os sargentos, suboficiais e demais patriotas vítimas de violências não estão só. Junto a eles se levantam, em número crescente, legiões de bons brasileiros para prosseguir, com mais vigor e decisão, na luta humana, justa e patriótica, por uma vida digna e feliz para todo o povo brasileiro.

A integra do manifesto do Comando Geral dos Trabalhadores vai publicada na quarta página.

1) Reforma Agrária que elimine o latifúndio, reformando o parágrafo 16 do artigo 141 da Constituição, estabelecendo-se que, quanto ao direito de propriedade, possa haver desapropriação por necessidade ou utilidade pública, ou por interesse social, mediante pagamento em títulos de dívida pública, a longo prazo e a juros baixos. No caso de desapropriação da terra, que o valor da indenização seja estabelecido segundo o valor declarado nos três últimos anos para fins de pagamento do Imposto Territorial; 2) Salário-família para todos os trabalhadores; 3) Pagamento do auxílio enfermidade e aposentadoria, em valor não inferior ao salário mínimo mensal vigente na região; 4) Apoio à luta dos servidores civis e militares por 70% de aumento nos seus vencimentos; 5) regulamentação e execução da Lei que disciplina a remessa de lucros para o exterior, e suspensão por um ano, da remessa de quaisquer divisas para o estrangeiro a título de pagamento de juros, "royalties", lucros ou dividendos.

### A PALAVRA DO CGT

O documento divulgado pelos dirigentes do CGT revela que "ficou constatado pelas respostas e emissários chegados que os trabalhadores de todo o país se manifestam unanimemente favoráveis a uma greve geral pela conquista da seguinte plataforma de reivindicações:

### A MAIOR LUTA

Considerando que a situação exige maior participação dos trabalhadores na vida política nacional, os dirigentes do CGT acentuam a necessidade de ser intensificado o trabalho de esclarecimento popular, com a participação dos operários, camponeses, estudantes, parlamentares e setores patrióticos civis e militares.

## Suplemento Hoje é da Bulgária

Acompanha este edição um suplemento, também de oito páginas, que não pode ser vendido separadamente. O chamado especial mostra as conquistas alcançadas pelo povo búlgaro em 10 anos de construção do socialismo, nos campos da produção industrial, da agricultura, das artes, do bem-estar social, apresentando também as perspectivas do que o comunismo trará para a República Popular da Bulgária.

## Niemeyer, Arquiteo da Paz

Oscar Niemeyer, detentor brasileiro do Prêmio Lênin da Paz, de 1963, vem recebendo expressivas homenagens pela outorga de Moscou soviética.

No dia 10 do corrente, por aprovação unânime de solicitação do deputado Sival Palmeira, a Assembleia Legislativa da Guanabara recebeu o ilustre arquiteto brasileiro, que foi saudado pelo deputado Luis Corrêa, do PTB.

Naquela mesma dia Niemeyer foi recepcionado no Instituto Cultural Brasileiro, do qual é presidente. Falando em nome do Instituto, o desembargador Osny Duarte afirmou que "o Prêmio Lênin é um dos testemunhos da história pacifista da URSS e de sua luta pelo desenvolvimento universal e completo", e disse que Niemeyer é um arquiteto da paz, homem digno, sincero, fiel às suas convicções humanísticas e filosóficas.

Terceira-feira, dia 14, outra reverência foi prestada a Niemeyer: um jantar que lhe foi oferecido por seus amigos e admiradores, na Churrascaria Recôncavo. O detentor do Prêmio Lênin foi saudado na ocasião pelo deputado Sival Palmeira. Entre as personalidades presentes notavam-se os embaixadores da URSS, Hungria, Polónia, Jugoslávia, Tchecoslováquia, Bulgária, o encarregado de negócios de Cuba, o ministro Roberto Assunção, Vinícius de Moraes, Lúcio Costa, Alvaro Lima, Dias Gomes, o maestro José Siqueira, os deputados Paulo Alberto e José Dutra, Enéida e o ex-senador Luiz Carlos Prestes.

Na foto, Niemeyer quando era recebido na Assembleia Legislativa.





Constituição pisoteada no Amazonas

# Governo Tortura Operários e Fecha Sindicatos



## DE VENTO EM POPA

O desenvolvimento industrial da União Soviética processa-se em ritmo quase cinco vezes mais acelerado do que os Estados Unidos. Enquanto a percentagem dos EUA é de 4,3%, da URSS é de 10,9%. O balanço do plano setenal, nos seus primeiros quatro anos (1959/1962) revela que as metas estão sendo cumpridas e superadas. A indústria soviética produziu 651 bilhões de rublos, quando o plano previa 623 bilhões. É notável, de maneira particular, o avanço energético: hoje, em quatro e oito horas, as centrais elétricas da URSS geram tanta energia como na Rússia pré-revolucionária durante todo um ano.

## TURBINA VERSÁTIL

A fábrica de maquinaria de Ryongsung, que produziu o torne giratório de 8 metros e a prensa de 3 mil toneladas pela primeira vez na Coreia, está construindo agora uma turbina geradora de vapor de 12.000 kwts. Além de gerar eletricidade, a turbina está apta a utilizar o vapor expelido por qualquer turbina para usos industriais ou o sistema central de calefação.

## CIMENTO UNE

Produzirá 350 toneladas de cimento a fábrica que a Tchecoslováquia está construindo na Mongólia. A construção e a montagem da fábrica têm o auxílio de técnicos tchecos. Depois de 1964, a fábrica de Drachan produzirá 100.000 toneladas por ano e, a partir de 1966 essa produção se duplicará.

## APARTAMENTOS

Nos últimos cinco anos, mais de 50 milhões de pessoas mudaram-se, na União Soviética, para novos apartamentos. Só em 1961 foram edificadas na URSS 2.700.000 apartamentos, ou seja, quase um milhão a mais do que nos Estados Unidos, Inglaterra e França, juntos. Em Moscou, são terminados, diariamente, 350 novos apartamentos, fato que se reflete na mudança rápida da paisagem da cidade.

## A ERA DOS TÉCNICOS

O Instituto Politécnico de Hanoi, Vietnã do Norte, conferiu em 1962 grau de engenharia a 466 alunos. Desde a sua fundação, em 1956, 1121 engenheiros industriais receberam ensinamentos nesse colégio, em doze ramos distintos: máquinas para construção, têxteis, eletricidade, radioeletricidade, geologia, minas, metalurgia, construção, química industrial, construção hidráulica, indústria de alimentação e obras públicas. Na época de restauração da paz, em 1954, o Vietnã do Norte tinha apenas 25 técnicos de alto nível.

## ISTO É AJUDA

Dezessete empresas industriais serão construídas em Cuba com a ajuda técnica da União Soviética. Um alto funcionário do Comitê Estatal da URSS para as relações econômicas exteriores, ao divulgar essa notícia, acrescentou que essas empresas pertencem aos mais importantes ramos da economia que se desenvolvem na heroica república do Caribe.

## NÓVO AVIÃO

Um novo tipo de avião utilitário foi construído na Romênia: o IAR-818. Com raio de ação de 300.000 quilômetros e velocidade máxima de 185 km/hora, o aparelho foi construído para fins agrícolas e sanitários, mas também pode ser utilizado para transporte e correios. Ao mesmo tempo, servirá para a aviação esportiva, lançamento de para-quedas, prospecção geológica ou direção de pesca.

## CADA VEZ MAIS

A indústria jugoslava já se converteu no ramo econômico mais importante do país. Na trabalharam mais de 1.200.000 pessoas. Em comparação com 1939, o número de pessoas que trabalham na indústria aumentou, aproximadamente, de 4,5 vezes, enquanto a produção industrial cresceu 5,2 vezes.

## ORIGEM DA FERTILIDADE

A construção da Indústria Química de Yunnan, perto de Kunming, foi iniciada durante o Segundo Grande Plano Quinquenal da China Popular (1958/1962). Hoje, milhares de toneladas de soda cáustica, cloro, ácido clorídrico e outros produtos são produzidos para a fabricação de fertilizantes, sabões, detergentes, papel, produtos têxteis e couro. Terminada a segunda etapa da construção, atualmente em pleno desenvolvimento e que deve terminar em 1964, as comunas rurais e as indústrias dessa área terão ao seu dispor dezenas de milhares de toneladas de fósforo, para o fabrico de fertilizantes, inseticidas e produtos orgânicos sintéticos.

## UM GIGANTE

Há na República Democrática Alemã uma escavadeira, instalada nas minas de carvão de Kietzitz, que faz o trabalho de 25.000 homens que operassem apenas com pá e picareta. O gigante, montado sobre trilhos, transporta durante um dia 120 mil metros cúbicos. Mede 380 metros, move-se sobre 272 rodas e pesa 5 mil toneladas, sendo dotado de duas cadeias escavadoras com capacidade de 1.600 litros de capacidade. Apenas 20 homens manejam a máquina.



Manaus, Amazonas (Do correspondente) — São Paulo ainda vive sob o impacto das brutais violências que o governador Plínio Coelho ordenou contra o movimento sindical amazense, com a prisão e esmagamento de dezenas de líderes sindicais e estudantis, invasão de entidades de trabalhadores e a transformação desta capital numa praça de guerra. O soba amazense, que para eleger-se fez sedutores apelos aos assalariados, investiu furiosamente no dia 25 de abril contra os tecelões em greve, estendendo a sua fúria contra os estivadores, quando estes paralisaram suas atividades em solidariedade aos têxteis.

A greve foi sufocada pela soldadagem e desocupados arregimentados pela polícia, numa demonstração de força que recebeu a unânime condenação do povo. Ochoco ainda mais a mobilização do Exército para a indigna tarefa de intimidar os trabalhadores em greve e a utilização de armas e veículos do governo federal em ridícula bravata patrocinada pelo general comandante da guarnição local.

## APLO AO BRASIL

Lançando mãos de recursos que possivelmente foram pela primeira vez usados em nosso país contra os trabalhadores, o "trabalhista" Plínio Coelho isolou o Estado do resto do Brasil, para que as notícias das suas violências não chegassem às outras capitais. As estações telefônicas, o aeroporto e o porto foram colocados sob controle militar e o noticiário telegráfico ficou submetido a implacável censura. As três estações de rádio da capital baré passaram a transmitir notícias preparadas pelos auxiliares do governador, enquanto bandos de policiais vasculhavam sindicatos e residências de líderes sindicais, realizando prisões.

Em patético apelo aos seus companheiros do resto do Brasil, Renato Cabral, secretário do Sindicato dos Gráficos de Manaus, escreveu a este semanário: "Tenho que todos os companheiros trabalhadores do Brasil inteiro, venham em

socorro dos trabalhadores do Amazonas, e que intercedam junto aos ministros do Trabalho e da Justiça, a fim de que as brutais violências tenham fim".

Sómente agora, após duas semanas das perseguições desencadeadas por Plínio Coelho, os trabalhadores de outras partes do Brasil tomaram conhecimento da boçalidade policial que durante cinco dias cobriram Manaus: Na sua insanidade o governador chegou ao cúmulo de dizer aos tecelões que "as balconetas estarão voltadas contra vós se não souberdes respeitar a ordem", para arrematar mais adiante: "Prefiro ser Lacerda, para salvar o Estado!"

Uma estrondosa vaia resultou dessa declaração de Plínio Coelho, feita em reunião realizada na Casa do Trabalhador e à qual compareceram centenas de trabalhadores. A partir desse instante o ódio antiperário do governador amazense tomou proporções irracionais, que culminaram com os acontecimentos do dia 23, quando os megafones e a polícia civil receberam ordem para ocupar as sedes sindicais e estudantis e prender os dirigentes dos estudantes e dos trabalhadores.

## TORTURADO NA POLÍCIA

Em todas as vezes que dirigiu a palavra ao "povo amazense", Plínio Coelho fez questão de manifestar-se expressamente contra qualquer aumento de salários, da mesma maneira que condenou o recurso da greve. Foi quando defendia uma dessas teses que a massa reunida na Casa do Trabalhador o interrompeu com prolongada vaia, enquanto dirigentes sindicais e têxteis e estivadores tomavam a palavra para dizer que suas categorias continuariam em greve.

O empenho governamental em sufocar a parede pode ser explicada pelas ligações empresariais do sr. Plínio Coelho, que hoje é homem ligado a todos os comerciantes de juta e acionista da Juteira, precisamente a empresa onde teve origem o movimento grevista.

Na sua calorosa defesa dos interesses pessoais o governador recorreu insistentemente ao crime e ao esvaziamento de trabalhadores, conforme ocorreu com a presidente do Sindicato dos Estivadores, Antônio Paucal Viana, que teve o dedo do pé esmagado e o outro dedo fraturado pelo mesmo processo e a perna furada a baloneta.

Que desejavam os policiais ao lapçar mãos de tais recursos?

Prendiam que o dirigente sindical firmasse um documento em que era ordenado o retorno ao trabalho. A recusa do trabalhador resultou nas mais cruéis torturas.

Tratamento semelhante foi dispensado nos cubículos policiais a outros trabalhadores, salvando-se apenas o presidente da União Estadual dos Estudantes, Renato Uchôa, devido à pronta intervenção dos seus colegas.

A carga policial, a liquidação de todas as liberdades nas terras do Amazonas acabaram por esmagar as greves dos tecelões de juta e dos estivadores. Um amplo movimento de unidade está sendo, entretanto, estruturado, com a participação de todos os sindicatos de trabalhadores, a fim de assegurar aqueles operários direitos tão violentamente negados.

O esquema antiperário do governador amazense foi tratado com requintes de detalhe, tendo dele participado inclusive o juiz Edson Almeida, que foi em pessoa à delegacia de polícia a fim de decretar a prisão preventiva dos trabalhadores detidos e processados pela Lei de Segurança Nacional. Com a cessação da parede essa ordem do titular da 7ª Vara Criminal foi relaxada. A greve foi suspensa depois que o presidente do Sindicato dos Têxteis foi conduzido escoltado à sede do Sindicato e cogido pelos policiais a ordenar o fim do movimento. Ao transmitir a ordem de retorno ao trabalho, era lastimável o estado físico de Francisco Fernandes Vieira, o líder sindical têxtil. Sujo, abatido, com visíveis marcas de esmagamento, tres-

passado, Francisco Vieira disse que para evitar mais sacrifício para milhares de trabalhadores amazenses, via-se forçado a dar aquela ordem. A mesma presente decisão atender a recomendação do dirigente sindical, como recurso extremo para salvar a vida.

## VIOLÊNCIA CONTRA JUIZ

No seu desesperado esforço para esmagar a greve dos tecelões e estivadores de Manaus, o governador investiu inicialmente contra o advogado Francisco Alves dos Santos, procurador dos têxteis. Esse profissional deu-se os meses de abril vindo recebendo advertências de apunhados do governador, no sentido de que desistisse qualquer movimento grevista. Chegou a ser intimado a comparecer à Central de Polícia, onde foi ameaçado de prisão e enquadramento na Lei de Segurança Nacional. Não se deixando intimidar por essas ameaças, Alves dos Santos foi finalmente, no dia 25, tocado no interior da Junta de Conciliação e Julgamento, quando ali atendia a clientes.

A polícia cercou o prédio para prendê-lo, o que não conseguiu em virtude de corajosa ação do juiz Euclides Reis da Justiça do Trabalho, que protegeu o bacharel e expulsou os estúdios das dependências daquela repartição.

O incidente teve larga duração e foi a primeira manifestação das intenções governamentais. Durante quatro horas o Tribunal de Justiça esteve cercado pelos bandos de policiais fortemente armados, nascendo aí os primeiros protestos populares.

Enquanto o governador Plínio Coelho espalhava seus policiais pelas ruas e oferecia aos empregadores incondicional cobertura "legal" os trabalhadores e estudantes procuraram juntar suas forças num pacto de unidade e ação. O fator surpresa, entretanto, favoreceu o soba amazense, que somente recuou quando seus beiguins prenderam um trabalhador da indústria petrolífera. Ao saberem da prisão desse operário, seus companheiros de refi-

caria suspenderam o funcionamento da mesma durante mais hora e somente voltaram às suas atividades com a libertação do rapaz.

Centenas de trabalhadores foram detidos durante os revoltosos acontecimentos de Manaus. Os empregadores apresentaram suas protestos, para denunciar, sobre os empregados, a falta de salários, tratamentos em geral "carinhoso" os dirigentes sindicais.

Os episódios que se desenvolveram em Manaus nos últimos dias de abril foram da maior gravidade, representando um dos mais chocantes atentados à liberdades democráticas já ocorridas em nosso País.

A pesar disso, porém, o sr. Plínio Coelho, clinicamente, telegrafou ao ministro Almino Afonso e ao presidente da República, dizendo que não tinha havido nada. Sabo-se que o plano antigrevista incluía até a liquidação física dos dirigentes sindicais ou de familiares destes e, se tecelões e estivadores não retomassem suas atividades, o governador pretendia fazer uma chacina em Manaus.

Os tecelões foram levados à greve por alguns cruzados a mais nos seus mínguados salários: os estivadores, para assegurar o trabalho diário, pois os comerciantes e beneficiários de juta estavam usando tripulantes de embarcações no desembarque da matéria-prima. 9 eles se juntaram a outras categorias profissionais, em um movimento de solidariedade que até então não se verificara naquela parte do País.

Mas o movimento foi esmagado pela polícia. Os tecelões continuaram a perceber os mesmos míseros salários, e os estivadores a terem sua profissão aviltada pelas manobras dos patrões, que obrigam tripulantes de canoas e barcos a desembarcar a juta transportada, sem nada pagá-lhes.

"Comuniquei ao CGT nacional tudo isto que se está passando em Manaus" pediu-nos o secretário do Sindicato dos Gráficos.

Este apelo chegou ao endereço indicado. O governador Plínio Coelho que se prepara para um segundo tempo.

## ESCOLHERAM A LIBERDADE

Um capitão e um sargento norte-americanos escolheram a liberdade nos primeiros dias deste mês, pedindo aos autoridades da República Democrática Alemã, tendo seu gesto sido considerado como irresponsável pelos serviços secretos lanques. Os dois militares que preferiram viver no mundo socialista, não são naturalmente leitores assíduos de "O Globo", cujas constantes advertências teriam naturalmente evitado sua trepidada atitude. O capitão Alfred Svenson e o sargento Benjamin Cain penetraram "no inferno vermelho" pela zona de Sirenach (Turingia).

## FINAL, NEGRO É GENTE?



Os EUA continuam a fornecer a todo o "mundo livre" novos exemplos de prática efetiva da democracia, em contraste com as perseguições que sofre o povo dos países "atrás da cortina". Ainda agora, em Birmingham, Estado do Alabama, centenas de negros foram presos porque agitavam o problema racial, inexistente na região, como se sabe. Aquêles seres inferiores tiveram a ousadia de pedir liberdade, direito à escola, sendo então atacados com cães policiais, no estilo de Juraci e Lacerda. Nas ocorrências, sabe-se que os EUA têm um poderoso aliado na África do Sul. Enquanto isto, o governo federal, isto é, Kennedy, vai deixando a coisa correr, bancando embora o bom moço.

## ARRENDAMENTO

Os Estados Unidos e a Espanha já iniciaram negociações para renovar o aluguel do país ibérico aos lanques, isto poucos dias após o assassinato do patriota Julian Grimau, crime previsto naturalmente em alguma cláusula do contrato expirante. O embaixador dos EUA em Madrid já partiu para Washington para conferenciar com Kennedy, e sua viagem se prende à renovação do arrendamento das bases aéreas e navais dos EUA "na grande democracia" de Franco, para defesa das fronteiras estratégicas do "mundo livre".

## GUERRAS E GORILAS

Kennedy anda meio assustado com as guerrilhas na América Latina, particularmente depois que ouviu alguns pronunciamentos de Lacerda e João Mendes. Ainda o presidente dos EUA de desagrado público após as forças aéreas do hemisfério ocidental (não se sabe se inclui Cuba) no sentido de que se preparam para a luta contra as guerrilhas na América Latina. De passagem, Kennedy lembrou os estreitos laços que unem as forças armadas do Continente, referindo-se, parece, à amizade de Aramburu, Stroessner, Muriel, Mendes de Moraes, e outros gorilas e micos latino-americanos.

## LONDRES IMITA A GB

Impressionado com o que gastam os ingleses em jogos de azar, as autoridades, através do chanceler do Tesouro, sr. Reginald Maudling, procuram estabelecer medidas que permitam canalizar para obras de assistência social uma parte das libras que rolam no pano verde. Como se desejam realizar a operação-Juraci, mais tarde aprimorada pelo sr. Carlos Lacerda, através da organização da FOM, já tendo circulado rumores de que o sr. governador enviaria a Londres um dos seus assessores zoológicos, para transmissão de experiências.

## FORD NO GOVERNO

Depois da Segunda Guerra, dez oficiais de alta patente do Exército norte-americano alistaram-se na Ford Motor Co. dois deles chegando à presidência da poderosa empresa. Por curiosa coincidência, um desses heróis chama-se Robert McNamara, atual secretário de Defesa dos Estados Unidos. Trata-se de um lugar muito próprio para o sr. McNamara: defende o mundo livre, defende a Ford e, quando pode, se defende.

## GUERRA EM MIAMI

Está muito séria a briga entre os grupos de exilados cubanos em Miami, constando que há algumas centenas de tensões em choque. Pessoas bem informadas afirmam que a luta se trava em torno da partilha dos dólares da ajuda dos EUA à luta pela "liberdade" no Caribe, dinheiro esse que acende os bris patrióticos dos chamados anticomunistas. Esperada, para qualquer momento, uma guerra intestina entre os vários grupos, com Varona, Cardona e outros à frente de cada facção.

## ESTÁ ESGOTADO

Franco está de pires na mão, por toda a Europa ocidental. Está pleiteando 150 milhões de dólares da França, o que não conseguiu até agora devido aos protestos do povo francês, que não é muito amigo dos fascistas. Um representante do governo espanhol está na Alemanha ocidental, solicitando uma ajuda para o desenvolvimento do país, cujo combate ao comunismo esgota todas as reservas. Franco, depois de vendido, está esgotado.

## I Conferência Nacional das Trabalhadoras

# Mulheres Falaram de Tudo e Fortaleceram Movimento Sindical

Reportagem de Jayme Bianco

Superou, em muito, a mais otimista das expectativas a I Conferência Nacional da Mulher Trabalhadora, realizada na capital de São Paulo, no dia 27 e 28 do mês findo. O conclave serviu principalmente para evidenciar o quanto as mulheres-trabalhadoras são capazes de realizar em proveito das lutas sindicais. Elas deram prova de sua combatividade e de seu espírito unitário. As diferenças políticas, filosóficas e religiosas não impediram que ali se formasse uma unidade em torno dos problemas gerais, não só das trabalhadoras, mas também do povo.

## ESTADOS REPRESENTADOS

Mesmo sendo a primeira vez que, em nosso País, a mulher trabalhadora é chamada a participar de um ato dessa natureza, 415 delegadas estiveram presentes. Enfrentando uma série enorme de dificuldades (várias precisaram deixar seus filhos com as vizinhas e parentes).

## JOC E CAMPONESAS

Contribuiu imensamente para o sucesso alcançado, a amplitude da frente única conseguida pela comissão organizadora, que contou com a acertada orientação do Pacto de Unidade Inter-sindical de São Paulo. Uma das correntes que mais se destacou foi a da Juventude Operária Católica, representada na Conferência por 18 trabalhadoras.

Foram numerosas as categorias profissionais participantes. Além de diversos setores operários da indús-

tria, estiveram presentes bancárias, domésticas, professoras, escriturárias e camponesas vindas do município de Santa Rita do Passa Quatro.

## MARIA TEREZA E ARRAES

Enviaram mensagens de solidariedade, as seguintes personalidades e organizações: Miguel Arraes, governador de Pernambuco; Maria Teresa Goulart, esposa do presidente da República; trabalhadoras têxteis de Moscou; Presidium Central do Sindicato de Metalúrgicos da República Democrática Alemã; Representação de Mulheres Espanholas de São Paulo; União dos Servidores Civis do Ministério da Marinha, da Guanabara; Sindicato dos Trabalhadores na Refinaria de Cubatão (acompanhada de uma lista de finanças corrida entre os associados, totalizando 17.470 cruzeiros); Pacto de Unidade e Ação, integrado pelas Federações Nacionais dos Marinheiros, Ferrovitários e pela União dos Portuários do Brasil; Sindicato dos Bancários da Guanabara; Sindicato dos Mineiros de Nova Lima, Minas Gerais; Associação dos Aposentados e Pensionistas do IAP de Niterói; Sindicato dos Metalúrgicos da Guanabara; Federação Nacional dos Gráficos e Sindicato dos Têxteis de Sorocaba.

## RESOLUÇÕES

Dentre as resoluções aprovadas as mais destacadas dizem respeito às condições de trabalho da mulher, inclusive das empregadas domésticas e das menores.

## A MAIS JOVEN

Entre as resoluções aprovadas as mais destacadas dizem respeito às condições de trabalho da mulher, inclusive das empregadas domésticas e das menores. Eis um resumo: 1º) Fiscalização real e efetiva, e com a participação dos órgãos sindicais, das leis trabalhistas e da previdência social que garantam a proteção da mulher e do menor. 2º) Pagamento do auxílio-maternidade, independentemente da condição do trabalhador, por todos os Institutos de Previdência.

3º) Extensão dos benefícios da Consolidação das Leis do Trabalho às trabalhadoras domésticas e às trabalhadoras agrícolas, inclusive com a possibilidade dessas categorias participarem de sindicatos de classe.

4º) Regularizar a aprendizagem profissional de modo a assegurar, a todo menor não aprendiz, salário idêntico ao do adulto.

5º) Aprovar a adoção da estabilidade para todas as categorias profissionais de trabalhadores.

6º) Igualdade de oportunidade para a mulher concorrer juntamente com os homens aos concursos do Banco do Brasil.

7º) Pugnar junto aos poderes públicos para que a mulher trabalhadora tenha o direito a 3 (três) faltas mensais consecutivas, independentemente de justificção, a exemplo do que ocorre com as funcionárias públicas.

8º) Reivindicar a modificação do artigo 543 da CLT, no sentido de garantir a estabilidade dos dirigentes sindicais, suplentes

ou delegados eleitos como representantes nos locais de trabalho.

9º) Reivindicar a apresentação do projeto de lei junto ao Congresso Nacional no sentido de que a falta da mulher trabalhadora ao serviço, por moléstia de filho menor ou dependente, possa ser justificada pelo médico que atender a pessoa doente.

10º) Lutar pela mobilização da mulher trabalhadora, que tem direitos iguais aos homens, para que tenha idênticos deveres e participe mais ativamente dos órgãos sindicais para assim ter maior consciência profissional.

Foram ainda tomadas medidas objetivando intensificar a luta pela aprovação do projeto de lei n. 275-81, do deputado Sérgio Magalhães, que prevê a jornada de trabalho de 6 horas, para homens e mulheres; pela aposentadoria integral, a mulher que complete 25 anos de trabalho ou 50 anos de idade; pelo auxílio à maternidade; estabilidade provisória da mulher gestante e salário-família. A luta pela paz e maior participação da mulher trabalhadora nas lutas pelas reformas de estrutura, foram recomendações unânimes.



A MAIS JOVEN

A mãe não pôde, ou não quis, deixá-la com vizinhos ou parentes; e a criança estabeleceu desde logo um recorde: é a mais jovem participante de congressos sindicais no Brasil.

As cúpulas do PSD e da UDN, novamente mancomunadas, derrotaram na Comissão Especial da Câmara a emenda ao parágrafo 16 do artigo 141 da Constituição. Essas cúpulas representam o que existe de mais retrógrado dentro desses partidos. Representam as forças que se opõem à reforma e pretendem manter intactas as já corrompidas estruturas da sociedade brasileira, conservando intacta a situação em que vive nosso povo, submetido a crescentes privações e sofrimentos. A conclusão, no caso, da direção possedista — que participa do governo, ocupando importantes Ministérios — mostra mais uma vez o que conduz a política, que vem sendo seguida pelo presidente João Goulart, de conciliação com os representantes do latifúndio e do imperialismo. É para impedir a realização da reforma agrária — e de todas as demais reformas — que os STB e o PSD?

A votação da Comissão Especial da Câmara não significa, evidentemente, que esteja liquidada e problema da emenda da Constituição para possibilitar a reforma agrária. Ao contrário. As forças reacionárias inventaram um obstáculo no caminho da conquista desse objetivo. Cabe às forças democráticas, redobrando esforços, empenhar-se com mais vigor na luta e afastar esse obstáculo.

Os parlamentares nacionalistas já manifestaram seu inconformismo e sua decisão de utilizar todos os recursos, dentro da

Câmara, para que não prevaleça a imposição das cúpulas do PSD e da UDN, intensificando, ao mesmo tempo, sua atuação extraparlamentar, entre as massas, com idéias finalísticas. É a participação, nesse movimento, de numerosos deputados possedistas e udonistas, assume um caráter decisivo de rebeldia contra as cúpulas dos seus partidos. O Comando Geral dos Trabalhadores também já se pronunciou. Satisfazendo a e honra é de opção, decidiu apoiar a realização do movimento sindical na campanha pelas reformas, preparando-se para qualquer eventualidade, e referir, nos Estados e Municípios, as frentes únicas com os demais setores nacionalistas de nosso povo.

Não, no Manifesto lançado pela CGT, um chamamento a que todos os assalariados, profissionais liberais, camponeses, estudantes, donos-de-casa, funcionários civis e militares, todos os patriotas enfim, corram fileiras com os operários na luta pelas reformas de base e em defesa das liberdades democráticas. Esse apelo será, sem dúvida, atendido. É o caminho justo a seguir. A esmagadora maioria da Nação não pode submeter-se passivamente às decisões da insignificante minoria reacionária. Mobilizando-se, na base de uma campanha nacional, e pressionando vigorosamente o Governo e o Congresso, as massas em todas as condições para fazer prevalecer sua vontade, vencendo as resistências da reação e afastando o engodo das soluções conciliatórias, impedindo que estejam de acordo com seus interesses, conquistando reformas de base autênticas, que efetivamente golpeiem os principais inimigos de nosso povo, o latifúndio e o imperialismo.

Advogado do diabo

Contraditório mais de uma vez e freqüentemente embarcado no curso de sua exposição, o ministro San Tiago Dantas compe-nhou novamente ao rádio e à televisão para dizer ao País essencialmente isto: vai continuar a política econômico-financeira do Governo, tal como havia sido prevista meses atrás. Valendo-se de gráficos sobre o meio circulante, o comportamento do crédito, o câmbio, esforçou-se o ministro para deixar nos ouvintes e telespectadores uma sensação de segurança, isto é, algo diametralmente oposto do sentimento que hoje domina não só os círculos econômicos, mas outras ponderáveis parcelas da população. Em sua exposição, o ministro aboçou uma calorosa, mas de todo inconvincente defesa do Fundo Monetário Internacional ("uma

agência das Nações Unidas...): tentou, igualmente sem êxito, defender a Instrução 239 da SUMOC, inclusive não dando resposta a uma questão por ele próprio levantada. Isto é, o prejuízo enorme que terá o Governo para comprar por um preço mais alto, em cruzeiros, os dólares que já vendeu (sem posuir) à taxa anterior; apresentou três ou quatro cifras diferentes com respeito às emissões de papel-moeda já realizadas ou projetadas até o fim do ano; disse concordar com o aumento de 60 por cento ao funcionalismo, mas em seguida ameaçou toda a população com pesados impostos se este aumento (ao qual é continua contrário) for concedido. E assim por diante. O brilhante advogado revelou-se desta vez um traquissimo defensor do FMI e da política do FMI, que é executada.

Insulto aos sargentos

Não pode ficar sem uma energética réplica a forma insultuosa como o jornal "Última Hora" dirigiu-se aos subtenentes e sargentos que, reunidos na última semana, juntaram a sua voz ao clamor nacional pelas reformas de base e contra as manobras do gorilismo. Para aquele jornal os sargentos passaram a ser os "gorilas de esquerda", buscando "o mesmo resultado pretendido pelos gorilas da extrema direita". É, como se vê, um insulto perfeitamente digno de "O Globo". "Gorilas" de esquerda, por quê? Por que se mobilizam para exigir a reforma agrária, no momento exato em que representantes das cúpulas partidárias se recusam a aprová-la? Ou por que como democratas e patriotas, aler-

tam a Nação para o perigo do único gorilismo verdadeiro, advertindo ao mesmo tempo os gorilas de que suas criminosas manobras não ficarão impunes? Esquece-se a "Última Hora" de que, na crise política de 1961, uma das peças decisivas para a derrota dos gorilas que pretendiam implantar uma ditadura entreguista foram precisamente os sargentos — os "pregadores da subversão", como os chama agora o jornal do sr. Samuel Wainer. E que a eles, portanto, em grande parte, deve o próprio sr. João Goulart a condição de presidente da República. Lançando contra os sargentos a grosseira provocação do seu editorial de terça-feira, a "Última Hora" o que faz é dar armas aos Kruei e Cordero de Farias, ao gorilismo de verdade.

Macaquices

Muito parecidas com os insultos de "Última Hora" aos sargentos são as palavras proferidas por Carlos Lacerda e o fracassado "subfuehrer" Silvio Heck no ato da entrega de chaves do Clube Humaitá pelo governo da Guanabara. Eis o que disse Heck: "Aqui estão os verdadeiros suboficiais, sargentos e praças que não formam com aqueles que, no sábado, (...) pregaram a insubordinação e a revolta". E eis como falou Lacerda, referindo-se a Heck e seus parceiros: "Representam para todos nós uma garantia de paz, de fraternidade, de honra, de liberdade, de ordem constitucional legal. Não se tornaram autômatas, mas também não se tornaram instrumentos de ninguém". Em que se diferenciam Wainer, Heck e Lacerda, nessa situação? Mas o que queremos acentuar aqui é o dilema com que dois irrecuperáveis gorilas fazem a mais sordida demagogia com os sargen-

tos. Lacerda e Heck são inimigos rancorosos dos sargentos. Do primeiro, basta lembrar a maneira depreciativa com que, no ano passado, em discurso pronunciado diante do embaixador dos Estados Unidos, se referia à política externa... Quanto a Heck, é conhecido demais o seu ódio zoológico aos sargentos e praças, demonstrado particularmente nas crises de 1965 e 1961. São esses gorilas que têm agora a falta de vergonha de se dizerem amigos dos sargentos brasileiros. Que ninguém se iluda, porém. Os sargentos e praças de nossas Forças Armadas, assim como todos os setores progressistas e patrióticos de nossa população, já possuem a suficiente maturidade política para não se impressionarem nem com as estapafúrdias provocações de "Última Hora", nem com o cinismo e as macaquices de Lacerda e Heck.

Mobilização do Povo Para Levar a Câmara a Aprovar a Reforma

As cúpulas reacionárias do Parlamento rejeitaram, na Comissão Especial da Câmara dos Deputados, a emenda constitucional ao parágrafo 16 do artigo 141 que permitiria a aprovação, por via legislativa, da reforma agrária. Votando unanimemente contra a emenda, os representantes do PSD, UDN e PSP — o primeiro e o último, partidos que têm seus ministros no governo do sr. João Goulart — colocaram-se contra a primeira das reformas de base submetidas à decisão do Congresso. As cúpulas reacionárias, manobradas por agentes estrangeiros como Herbert Levi, e servilistas do latifúndio como Armando Falcão, deixaram perfeitamente a mostra sua face retrógrada e cruel: o que querem é eternizar a miséria das massas camponesas, os desumanos privilégios do latifúndio, o atraso e a dependência do País. São os seguintes os sete gorilas da Comissão Especial: Allomar Baleeiro, Pedro Aleixo e Ernani Sátiro, da UDN; Martins Rodrigues, Ulisses Guimarães e Gualberto Capanema, do PSD; Arnaldo Cerdeira, do PSP. Seus nomes não serão esquecidos pelo povo brasileiro.

INDIGNAÇÃO

A decisão imposta pelas cúpulas reacionárias despertou a mais profunda indignação em todo o País, que num clamor crescente vem há anos exigindo a reforma agrária. Parlamentares democratas, trabalhadores, estudantes, camponeses, militares patriotas, todo o povo, enfim, manifestou de imediato o seu repúdio à de-

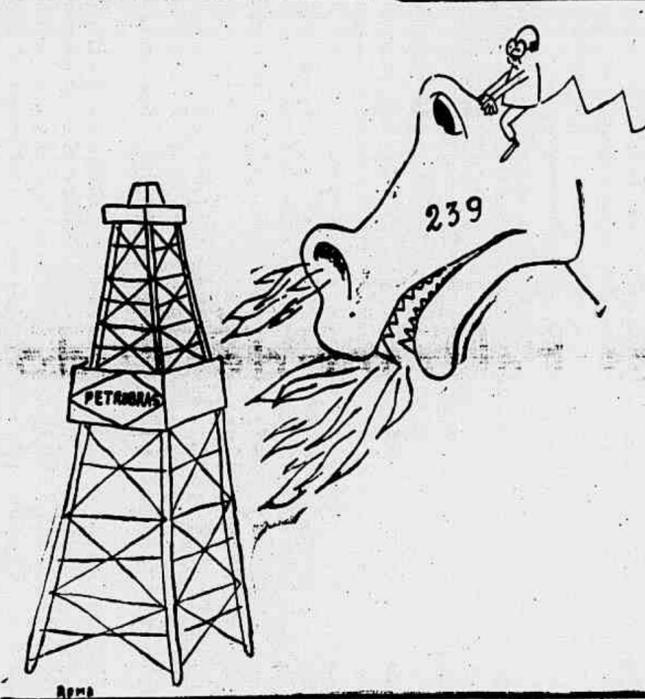
claração das sobas udeno-possedistas, assim como a sua inabalável decisão de redobrar a luta pelas reformas de tal modo que o plenário da Câmara derrube aquela monstruosa decisão e se curve diante da exigência nacional de ser modificada o artigo 141 da Constituição para que se torne possível a reforma agrária. Na Câmara, a Frente Parlamentar Nacionalista e a bancada do Partido Democrata Cristão deram logo início a um movimento visando à derrubada da resolução da Comissão Especial. Esse movimento se desdobrou em três planos: a obstrução parlamentar (com exceção apenas para o projeto de aumento do funcionalismo), uma ligação mais estreita com as forças extraparlamentares empenhadas na conquista das reformas e a exigência de serem afastados do governo os representantes do PSD e PSP. Anunciando a disposição de levar à prática a obstrução parlamentar, os deputados nacionalistas afirmaram que a rejeição da emenda constitucional "leva o Congresso destinado a um impasse a ter as piores consequências na vida nacional, porque fortalece a convicção popular de que as reformas não serão votadas". Enquanto isso, intensificava-se, fora da Câmara, a mobilização das forças nacionalistas e populares com o objetivo de obter do Parlamento a reforma constitucional indispensável à reforma agrária. O Comando Geral dos Trabalhadores está em permanente contato com as organizações sindicais, preparando a deflagra-

ção de uma greve geral quando for considerada necessária. Agrupadas na Frente de Mobilização Popular, as entidades estudantis — UNE e UBES — adotam igualmente medidas para levar a Câmara a aprovar a modificação dos artigos anti-reformas da Constituição. Pelo interior do País, as organizações camponesas estão sendo mobilizadas no mesmo sentido. Somente sobre a base de uma irresistível pressão das forças nacionalistas e democráticas será possível derrotar as cúpulas reacionárias do PSD e UDN, forçando a Câmara a rejeitar o monstruoso projeto da Comissão Especial.

MINISTROS PARA REFORMAS

Ao mesmo tempo, como compreende-se que o sr. João Goulart considere indispensável a emenda constitucional e mantenha em seu Ministério homens que não são contrários a essa emenda, mas chegam, como o gorila Kruei, a desfechar uma violenta repressão contra os seus partidários, prendendo militares que se pronunciaram pelas reformas e por isso receberam cumprimentos de Cordelro de Farias e Mamede? Como admitir-se que o próprio presidente do PSD continue participando do ministério?

O povo brasileiro exige, simultaneamente, que a Câmara derrube a decisão anti-reforma e que o sr. João Goulart recomponha imediatamente o seu Ministério, dele afastando os gorilas militares e civis que conspiram contra as reformas de base.



Presença do FMI Choca-se Com a Soberania Nacional

Apenas alguns meses atrás, num programa de televisão, uma alta autoridade do governo federal, então ministro de Estado, fez a seguinte declaração: enganamos-se os que pensam que nos podemos socorrer junto ao Fundo Monetário Internacional, simplesmente porque o FMI não foi criado para resolver problemas de países subdesenvolvidos. E a uma pergunta do entrevistador sobre as finalidades para que surgiu o FMI, respondeu aquela autoridade, com um sorriso, que não sabia, mas afirmava que dessa instituição internacional os subdesenvolvidos nada deviam esperar.

ESTAVA CERTO

O entrevistado era o então ministro da Indústria e Comércio, hoje diretor Executivo da SUMOC, sr. Otávio Dias Carneiro, o mesmo a quem hoje estão entregues os três funcionários do FMI que para aqui vieram numa viagem "de rotina". Ao fazer as declarações que reproduzimos acima, o embaixador Dias Carneiro, que é dos mais profundos conhecedores dos nossos problemas financeiros internacionais e, em particular, do problema fundamental da relação de trocas, estava plenamente certo. Sabe, como sabe, que o Fundo Monetário é uma agência das metrópoles imperialistas que tem, entre outras finalidades, a de facilitar a exploração dos países menos desenvolvidos e amarrar os conflitos que surgem nas pro-

prias relações entre os imperialistas. Claro está que a solução dada a esses conflitos é condicionada pela força de cada uma das partes em disputa, vale dizer, benefício, em primeiro lugar, o imperialismo norte-americano, que é o principal participante do FMI, do qual detém a parte do leão. Quando os "técnicos" do FMI prescrevem sua mezinha estabilizadora para países como a Argentina, o Chile, o Uruguai, o Peru, o Brasil, etc., sabem perfeitamente a que conduzirá o uso das drogas recetadas: à estagnação e ao retrocesso econômico, ao enfraquecimento da economia nacional desses países. À concessão de maiores facilidades para a penetração e o domínio do capital estrangeiro. Em outras palavras, as fórmulas dos "técnicos" do Fundo Monetário Internacional são um dos ingredientes da política neo-colonialista, que vem caracterizando este momento histórico de naufrágio do colonialismo tradicional. Por isso mesmo, todo acordo entre o Brasil e o Fundo Monetário só pode ser ruinoso para nós, porque, como acentuou o embaixador Dias Carneiro, o Fundo não foi criado para resolver problemas de países subdesenvolvidos.

DECEPCIONANTE

Em contraste chocante com aquelas sensatas declarações, o embaixador Dias Carneiro vem — agora, pela imprensa, acenar com a possibilidade de êxito nas nego-

ciações com o FMI. Mas, se houver mesmo êxito, para quem será? Para o Brasil? Ninguém acreditará nisso, a começar pelo sr. Dias Carneiro. Por essa razão, a posição adotada pelo ilustre economista e diplomata é totalmente decepcionante. O que dele seria lícito esperar eram pelo menos declarações francas ao País, uma explicação detalhada do que representa o FMI e o que trazem em seu bojo as imposições do FMI, se ele deseja silenciar sobre a incompatibilidade implícita entre o conceito de nação soberana e a presença de "inspetores" estrangeiros que vêm ao nosso País para que lhes demos conta de se o funcionalismo terá 40, 50 ou 70 por cento de aumento, se vai ser este ou aquele o nível de crédito estabelecido pelo governo brasileiro.

Aqui, pouco importa a nacionalidade dos membros da missão estrangeira, pois o que eles representam, de fato, são os interesses dos imperialistas, o maior obstáculo ao nosso desenvolvimento e a uma política realmente brasileira de combate à inflação. Dizem que os "técnicos" mostram-se muito cordatos, nada arrogantes, etc. Entretanto, no momento em que nos decidimos a adotar no terreno creditício, fiscal, cambial, do comércio exterior, etc. as medidas que realmente refletem os interesses do povo brasileiro, não temos dúvida de que será do Fundo — e não nossa — a inclinação do rompimento.

Afastar o FMI para incrementar as trocas

Está o governo brasileiro, através de uma série de atos e medidas, empenhado em dinamizar o comércio com os países latino-americanos. Naturalmente, seria desejável o impossível obter uma ampliação considerável desse comércio sem antes remover a causa básica que o entorpece, isto é, a pobreza atual da América Latina, decorrente da exploração imperialista e de estruturas internas arcaicas. Mas, como mostra a experiência, alguns progressos poderiam ser feitos desde que removidas certas dificuldades.

A simples criação da Associação de Livre Comércio da América Latina (ALALC) não bastou, por si só, para inverter a tendência ao declínio das trocas entre os países associados. Essa tendência pode ser expressa no volume do comércio exterior do Brasil com oito outros países latino-americanos — a Argentina, o Chile, a Colômbia, o Equador, o México, o Paraguai, o Peru e o Uruguai. Em cada um dos últimos cinco anos foi o seguinte o movimento de exportações e importações, respectivamente, do Brasil com aqueles países, considerados em conjunto: 1958: 144 e 106 milhões de dólares; 1959: 75 e 117 milhões de dólares; 1960: 87 e 108 milhões; 1961: 95 e 45 milhões de dólares. A 1.ª de janeiro de 1962 entrou em funcionamento o ALALC. Pois foi precisamente no ano passado (dados divulgados pela revista "Conjuntura Econômica", número ora em circulação) que as exportações brasileiras para os países membros do ALALC registraram seu menor índice, desde 1959: 75 milhões de dólares. É certo que as importações foram as mais altas do quinquênio — 129 milhões de dólares — mas não é para acrescentar áreas de déficit em nossa balança comercial que desejamos intensificar o intercâmbio com a América Latina.

A acentuação do declínio do comércio brasileiro com os países

irmãos do sul do Continente coincidiu com o abandono da política do bilateralismo, o que, em outras palavras, quer dizer: coincidiu com o aumento da influência da política do Fundo Monetário Internacional nesta parte do mundo. Nos termos dos acordos bilaterais, negociávamos com esses países sem a necessidade da presença de um elemento que é escasso em cada uma de nossas economias: o dólar. Os pagamentos eram feitos através de moedas convênio, por via contábil, compensados pela troca real de mercadorias. Sem ser preciso dispormos de dólares, brasileiros vendiam a argentinos café, banana, pinho e argentinos vendiam a brasileiros trigo, frutas, etc. De repente entra em cena o FMI e dita: as mercadorias argentinas devem ser pagas em dólar e não com outras mercadorias. Resultado: o nosso intercâmbio com a Argentina caiu de quase 200 milhões de dólares por ano, para menos de 100 milhões, em cada um dos dois últimos anos. Outro tanto aconteceu em relação ao Uruguai, país com o qual o nosso intercâmbio caiu à metade, principalmente por interferência do FMI.

Ao imperialismo norte-americano, à sua agência chamada Fundo Monetário Internacional, não pode interessar o estreitamento de vínculos econômicos normais entre os países subdesenvolvidos. Eis por que, no momento em que se fala em dinamizar a ALALC, uma providência que se impõe é o encontro de uma fórmula que permita o comércio sem a presença do dólar, isto é, mediante apenas as moedas nacionais. Do contrário, nem venderemos nosso pinho e nosso café à Argentina, nem os argentinos poderão vender nos suas frutas e seu trigo, nem poderemos comprar ao Chile o fertilizante e o aço de que dispõem os chilenos e que bem poderíamos pagar com os nossos produtos.

Vitória da Unidade

Ramiro Luchesi

A unidade dos ferroviários das estradas controladas pelo governo de S. Paulo, sua combatividade e disposição de luta e o firme apoio do movimento sindical, estudantil e popular asseguraram a vitória dos trabalhadores da Paulista, da Mogiana e da Araraquarense e infligiram pesada derrota ao sr. Ademar de Barros.

A unidade forjou-se à base da luta pelas reivindicações comuns — 50% de aumento sobre os salários de dezembro, aumento do salário-família de 1.000 para 2.500 por dependente; reestruturação das carreiras; pagamento do 13.º mês para inativos e pensionistas. Além dessas, estavam em pauta numerosas outras reivindicações específicas de cada empresa.

Desde que apresentaram essas reivindicações ao governo, o sr. Ademar de Barros respondeu negativamente, fugindo mesmo a qualquer negociação. Ao mesmo tempo, procurava intrigar os ferroviários e o m. os funcionários públicos e com o povo, asseverando que "ganhavam demais". Por outro lado, alegava que a concessão do aumento contrariaria orientação do Plano Trienal.

A resposta dos ferroviários foi a intensificação da campanha e a preparação concreta da greve. As grandes assembleias de Sorocaba e Rio Claro — cada uma das quais reuniu mais de 5.000 trabalhadores — e as centenas de outras assembleias realizadas ao longo das linhas, deixaram claro a disposição de luta dos ferroviários. A estruturação do Pacto de Unidade dos Ferroviários de todas as estradas controladas pelo Estado e o ferri-lhes uma força enorme. E a solidariedade dos ferroviários das Santos a União Sindical de Santos e do ABC, de Santos e Campinas — ameaçando-me de idas concretas de decretação de greves caso o sr. Ademar, os Lacerda, os Kruei e os latifundiários de todo o País se unem para impedir o atendimento desta legítima exigência popular, os trabalhadores, cada vez mais conscientes de sua força, unem-se também do outro lado, fortalecem seus laços com as demais camadas populares e passam à preparação concreta da nova luta que certamente lhes trará uma vitória ainda maior, vitória que será também uma garantia contra o desemprego, uma garantia de que seus direitos e reivindicações serão melhor atendidos.

do presidente da República, para exigir disciplina dos sargentos e oficiais nacionalistas, de um ministro da Guerra ex-sigatário, como primeiro nome, do Manifesto dos Coronéis e que ainda agora recebe manifestação política de generais direitistas, inclusive um dos mais destacados promotores e também signatário do Manifesto dos Coronéis, o general Mamede. Quem poderá atirar a primeira pedra no subtenente Geici? Entre os representantes das diversas correntes que se dividiram talvez não haja um só que resista ao mais leve exame de consciência, no que se refere a infrações regulamentares. Como pretende o sr. João Goulart por água na fervera? Através do novo Código de Processo Penal Militar elaborado pelo jurista Ivo de Aquino, cadáver da reação conservadora em usque? Dando ouvidos aos pronunciamentos antieclesiásticos de d. Jaime Câmara que a imprensa da embaixada americana aproveita para assunto de manchetes, tudo isso enquanto uma missão estrangeira, a do FMI, instala-se no Brasil e fiscaliza a aplicação do Plano Trienal? Quando resolverá o sr. João Goulart montar um dispositivo de segurança efetivamente alterando nas forças nacionalistas de todos os escalões civis e militares?

Num incidente a propósito do discurso do subtenente Geici, o comandante dos pára-quedistas, general Santa Rosa, declarou: "Vocês só farão alguma coisa depois de passar por cima deste cadáver da reação". O cadáver, segundo notícia as fôlhas, seria o próprio general Santa Rosa. Caso verdadeira a versão jornalística, haverá a parte do general Santa Rosa uma simplificação de problema que é mais político do que militar.

Pode o comandante dos pára-quedistas apresentar-se voluntariamente como símbolo reacionário. Mas não como único símbolo. A situação, como costumam dizer os amigos de definições singelas, é complexa. Dentro das reações em cadeia que se processam nos vários círculos da hierarquia militar há uma resistência de forças retrógradas à realização das reformas de base, principalmente da reforma agrária. Sem dúvida, um comando que atua em função de interesses contrários ao do País gera os incidentes dos últimos dias, cujo recrudescimento teve como ponto de partida o caso, Brizola-Muricy.

Uma contradição profunda, entre as forças do progresso e as da estagnação, conduz a essa espécie de estado de guerra que mantém os meios políticos e militares em constante efervescência. No clima da contradição pode acontecer muita coisa. Principalmente quan-

Independência do Paraguai

A 14 de maio de 1811 em proclamação a independência do Paraguai. Livro político-militar do domínio colonial...

Segundo um caminho em linhas gerais semelhante ao dos demais países latino-americanos, o Paraguai sofreu a dominação ibérica, seguida pela inglesa...

Conhecendo diversos ditadores nesses anos, o Paraguai enfrenta hoje talvez o mais terrível de todos, no poder desde 1954. Em período algum o povo paraguaio sofreu...

Um estilo de vida

Quatro jovens estudantes, com a idade variando entre 16 e 18 anos, foram suspensos do colégio por motivos disciplinares...

Tratados com a intransigência dos responsáveis pelo castigo, os jovens se retiraram, para voltar em seguida munidos de uma metralhadora...

Detidos, as autoridades constataram que os quatro rapazes usavam insígnias com a cruz suástica e tinham em seu poder...

Na Alemanha de Hitler? Não: o caso se passou nos Estados Unidos de Kennedy, dia 14 de maio, deztois anos depois de esmagadas as forças nazistas na segunda guerra mundial.

Os jovens rebeldes, habitantes do civilizado Estado de Nova York, ao norte dos...

CGT Condena os Gorilas: Manifesto Pelas Reformas!

Esta é a íntegra do manifesto lançado pelo Comando Geral dos Trabalhadores...

Os trabalhadores e ao povo brasileiro: O COMANDO GERAL DOS TRABALHADORES esteve reunido para apreciar os últimos acontecimentos nacionais...

Ficou constatado pelas respostas e comentários chegados que os trabalhadores de todo o país se manifestam...

vitórias até então alcançadas neste gigantesco trabalho de mobilização, considerando que estamos empenhados na maior luta já travada pelo povo brasileiro...

Por outro lado, rearticulam-se os reacionários das cúpulas partidárias e os "gorilas" com o objetivo de cercar as liberdades democráticas e sindicais...

Uns e outros reuniram-se em suas organizações de classe para debaterem e lutarem em favor das reformas de base...

Companheiros trabalhadores: Com esta compreensão e reforçando nossa unidade e organização, mobilizemo-nos para, em qualquer eventualidade, estarmos em condições de atender com precisão...

temor igual ao que lhe é imposto pelo tirano Alfredo Stroessner, mantido no governo à custa de ingentes esforços do Departamento de Estado dos Estados Unidos...

Odiado pelo povo, que não recua diante da violenta repressão do ditador, Stroessner consegue manter-se no poder exclusivamente à força das armas cedidas pelos lanques...

A identificação da ditadura Stroessner com o imperialismo lanque dá ao povo paraguaio a consciência do principal inimigo de sua efetiva independência política e econômica...

Esse empenho dos patriotas paraguaios, enfrentando torturas que em muitos casos chegam à morte, nos dá a certeza de que a independência nacional será em breve realmente conquistada.

Estados Unidos, nada mais fizeram que utilizar toda a liberdade do mundo ocidental e cristão em que vivem.

A liberdade de ser nazista. A liberdade de ser discípulo, por exemplo, de uma importante autoridade como o governador George Wallace, do Estado de Alabama...

Estes comunistas são terríveis... Não é que querem acabar com a liberdade de linchar negros norte-americanos, com a liberdade de fazer propaganda nazista...

organização, mobilizemo-nos para, em qualquer eventualidade, estarmos em condições de atender com precisão...

O Socialismo é Que dá

Há 18 anos caiu o Protorado mantido pelo exército nazista contra o povo tchecoslovaco. Depois do 9 de Maio de 1945 instalou-se o governo popular da Tchecoslováquia...

Hoje a produção industrial da Tchecoslováquia é quatro vezes maior que em 1937. Seus 2.500.000 operários gozam do mais elevado padrão social da Europa...

Um e outros reuniram-se em suas organizações de classe para debaterem e lutarem em favor das reformas de base...

Estes certos os latifundiários, os grupos estrangeiros que espoliam a nossa população e seus agentes nacionais, de que a defesa de seus objetivos, os trabalhadores camponeses, estudantes e demais patriotas civis e militares, não se intimidarão...

A foto acima mostra um novo sistema de fundações para casas pré-fabricadas, proporcionando considerável economia de material e tempo...

Amir Mates

É uma pena que o escritor Wanderley Guilherme não tenha querido aproveitar a oportunidade da publicação de seu artigo no número ora em circulação da revista Estudos Sociais...

Não queremos enfatizar a significação de elementos dessa natureza — penosos, sem dúvida — no artigo de Wanderley Guilherme...

Vamos, porém, ao principal. Isto é, as teses em debate. Fizemos ao ensaio de WG em que é abordada a questão do golpismo no Brasil, duas objeções fundamentais...

Ademais, como se compreendia que, sendo a "qualidade" social do golpismo a defesa dos privilégios te não de privilégios historicamente determinados da minoria dominante...

boras apelando para alguns bases artificiais, WO insiste nas teses errôneas de Quem dará o golpe no Brasil? — teses marcadas pelo "doutinarianismo de esquerda".

Em que consistem os erros? Para efeito de maior clareza, veja a moa os dois problemas em se para do, não obstante a vinculação existente entre eles.

Quando a primeira questão, o erro original de Wanderley Guilherme reside em abordar a política do golpismo sem ter em conta, de maneira nítida, o quadro das contradições que objetivamente se desenvolvem no seio da sociedade brasileira...

É dessa simplificação que padece o trabalho de WG. E isso justamente o impede de descobrir no golpismo, não uma política destinada a preservar os privilégios de classe em geral, mas uma política que exprime, de modo específico, e em ponto dado de seu amadurecimento, a contradição entre um conjunto de forças retrógradas e alienadas...

Ademais, como se compreendia que, sendo a "qualidade" social do golpismo a defesa dos privilégios te não de privilégios historicamente determinados da minoria dominante...

ser mantidos senão mediante o golpe, ou seja, a interrupção de um processo histórico que tem como componentes, entre outras, um papel cada vez maior das massas trabalhadoras no conteúdo da sociedade e, na área do poder, um gradual deslocamento de forças a favor da burguesia nacional...

Não querendo admitir o erro, WG agravou-o ainda mais no artigo de Estudos Sociais, ao tentar fundamentar a sua tese esquerdista com o auxílio de categorias como qualidade e quantidade.

Vejam os artigos: "...o conteúdo essencial permanente do golpe, no Brasil, é a defesa dos privilégios da minoria dominante contra os interesses e reivindicações da maioria do povo. Que quer dizer esta tese? Simplemente que se procura caracterizar socialmente essa operação política que é o golpe, verificando quem o dá — os que têm privilégios — e contra quem o dá — contra os que reivindicam. Eis aí a caracterização qualitativa do fenômeno do golpe".

Isso atribui às liberdades democráticas uma dimensão realmente nova. Não se trata aqui de "confiar" ou "não confiar" no regime hoje dominante — na "ditadura em vigor", como diz WG. Trata-se de confiar na ação desenvolvida pelas massas e as amplias forças democráticas, de que essas ações — orientadas adequadamente, em cada caso — resultem na defesa e ampliação constante das liberdades, partindo da idéia de que a conquista da democracia política serve ao povo não só como instrumento para a obtenção de reivindicações parciais, mas para a sua própria emancipação.

Quando se atribui qualidade — e, mais ainda, a qualidade — a uma relação, a um processo, o que se pretende é distinguir o objeto relação ou processo dos demais, não para isolá-los, mas para identificá-los corretamente. Mas será que se poderia identificar "socialmente" o golpismo — isto é, diferenciar esse fenômeno dos demais — afirmando que a sua qualidade é a defesa dos privilégios da minoria dominante? Como então distinguir o golpismo de toda a política realizada pelo poder dominante em todas as sociedades divididas em classes antagônicas, desde o escravismo ao capitalismo imperialista?

Ademais, como se compreendia que, sendo a "qualidade" social do golpismo a defesa dos privilégios te não de privilégios historicamente determinados da minoria dominante...

Ademais, como se compreendia que, sendo a "qualidade" social do golpismo a defesa dos privilégios te não de privilégios historicamente determinados da minoria dominante...

A segunda objeção feita ao folheto Quem dará o golpe no Brasil prende-se ao tratamento dado pelo seu autor ao tema das liberdades democráticas. É óbvio que não dissemos, nem teríamos por que dizer, que Wanderley Guilherme deixa de defender as liberdades democráticas, como entretanto procura, ele próprio, sugerir no artigo de Estudos Sociais. Isso seria mais que uma injustiça, um verdadeiro disparate.

de ditadura das classes dominantes, sem nenhuma preocupação, todavia, por considerar os aspectos novos e as novas perspectivas sob o qual a questão se desdobra dentro da realidade concreta de nossos dias.

Com efeito, quando se afirma que não existe uma diferença radical entre a ditadura que os golpistas ameaçam implantar e a democracia convencional hoje existente no Brasil, ou quando se diz que enquanto permanecer a atual composição de classes do Estado brasileiro não poderá existir um poder realmente a serviço do povo, afirmam-se verdades elementares e incontestáveis.

Isso atribui às liberdades democráticas uma dimensão realmente nova. Não se trata aqui de "confiar" ou "não confiar" no regime hoje dominante — na "ditadura em vigor", como diz WG. Trata-se de confiar na ação desenvolvida pelas massas e as amplias forças democráticas, de que essas ações — orientadas adequadamente, em cada caso — resultem na defesa e ampliação constante das liberdades, partindo da idéia de que a conquista da democracia política serve ao povo não só como instrumento para a obtenção de reivindicações parciais, mas para a sua própria emancipação.

Ademais, como se compreendia que, sendo a "qualidade" social do golpismo a defesa dos privilégios te não de privilégios historicamente determinados da minoria dominante...

novos rumos. Propriedade da EDITORA ALIANÇA DO BRASIL LTDA. Diretor: Orlando Bomfim Júnior. Diretor Executivo: Fragmom Carlos Borges. Redator Chefe: Luis Gamao. Gerente: Guttemberg Cavalcanti. Redação: Av. Rio Branco, 397, 17.º andar, sala 1712. Telefone: 42-7344. Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9.º andar, sala 906. Endereço telegráfico: NOVOSRUMOS. EDIÇÃO DE MINAS GERAIS. Relação e Administração: Rua dos Carijós 101, 2.º andar, 5/304. Tel. 4-8986 — Belo Horizonte. Sucursal de São Paulo: Rua 15 de Novembro 224, 8.º andar, sala 87. Telefone: 35-9438. Sucursal do Paraná: Rua José Loureiro, 133 — 3.º andar, sala 311 — Curitiba. Assinaturas: Anual ... Cr\$ 1.000,00 Semestral ... » 500,00 Trimestral ... » 250,00 Assinatura Aérea: Anual ... Cr\$ 2.300,00 Semestral ... » 1.200,00 Trimestral ... » 600,00 Número avulso ... » 20,00 Número atrasado ... » 30,00



# Novos Caminhos do Teatro Brasileiro

Novas manifestações artísticas encontram-se em um novo ponto de mudança, em um novo momento histórico de aguçamento de definições, de caracterização de posições, tudo próprio dos novos problemas que, de forma cada vez mais premente, abalam, despertam, modificam certos aspectos importantes de nossa realidade social e política. Os debates, em situações em que se presente de maneira palpável o andamento, a progressão notável dessas novas formas e problemas artísticos, são sobretudo provalentes e contribuem para que se estude mais a fundo as diversas posições, as diferentes camadas e as várias soluções que surgem no campo da análise e observação da realidade artística.

NOVOS RUMOS, abre suas páginas a esses debates. Aqui traremos, na medida de nossas possibilidades e da atenção que nos derem os artistas, críticos e todos os leitores interessados, os depoimentos, as críticas e as opiniões, que possam transmitir determinada compreensão dos temas que abordamos.

Hoje, começamos com o Teatro. É inegável que tem sido o teatro uma das formas artísticas de maior desenvolvimento nos últimos cinco anos aqui no Brasil. Bastaria que começássemos a contar desde o surgimento do revolucionário

conjunto do Teatro de Arena, de São Paulo, para daí em diante encontrarmos um sucesso de experiências cada vez mais importantes, mais renovadoras, mais reveladoras das condições de nosso frutífero desenvolvimento teatral. Mais recentemente, as experiências bastante consequentes dos grupos de teatro dos diversos Centros Populares de Cultura do País — principalmente o Movimento de Cultura Popular, de Recife, e o Centro Popular de Cultura da UNE, no Rio de Janeiro — têm servido para ampliar os horizontes do teatro brasileiro, inclusive na formulação de uma linha de atuação política, de engajamento atuante no processo de revolução brasileira.

## DIAS GOMES

Quem primeiro nos dá sua opinião sobre teatro brasileiro é Dias Gomes, homem há muito vivendo no e do teatro, e que no ano passado alcançou repercussão verdadeiramente universal com o filme baseado em seu *O Pagador de Promessas*.

Suas opiniões são as de quem conhece bastante de perto os problemas teatrais — e que os conhece de um ângulo de crítica fundamentada e criadora — inclusive no que diz respeito a manifestações dramáticas que se vinculam ao teatro

como é o caso do rádio-teatro, onde trabalhou durante vários anos.

Alfredo Dias Gomes veio da Bahia, de Salvador, onde nasceu em 1923. Depois de tentar três escolas superiores, decidiu-se mesmo a escrever, o que era sua vocação. Foi já no Rio de Janeiro, onde chegou com 15 anos, que estreou com *Pé-de-Cabra*, peça montada por Procópio Ferreira, no Teatro Serrador, em 1942. Em 1943, é levada ao palco *Amanhã Será Outro Dia*, pelo Teatro Brasileiro de Comédia. No ano seguinte vêm *Doutor, Ninguém e Zezé Diabo*, encenadas por Procópio Ferreira, em São Paulo, e por Dulcina, no Rio.

De 1944 a 1954, Dias Gomes dedica-se às atividades no rádio, só reaparecendo no teatro em 1954, com *Os Cinco Fugitivos do Juízo Final*, montada por Jaime Costa.

Em 1958 escreveu *O Pagador de Promessas*, que foi lançada em 1960 pelo Teatro Brasileiro de Comédia, em São Paulo.

O êxito de *O Pagador de Promessas* foi ainda maior com a aproveitação do texto para o cinema e o consequente sucesso mundial.

Ainda escreveu *A Invasão*, recentemente encenada com grande êxito, no Rio de Janeiro, e *A Revolução dos Beatos*.

## Dias Gomes: "Escrevo Para o Povo"

tradição de nosso teatro (tão pobre delas) refere-se, precisamente, ao seu caráter nitidamente político. E não podemos dizer que essa tradição não foi continuada, pois Alencar escreveu peças abolicionistas (uma delas até proibida: "O Jesuíta" e Castro Alves escreveu "Congaço" ou a "Revolução de Minas". No entanto, há poucos dias, li na Revista da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais um artigo atacando Guimarães, Jorge Andrade, Flávio Rangel, e mim e a todos que ele chama de "nouvele vague" do teatro brasileiro, por terem introduzido "idéias políticas" em nosso teatro. Podemos constatar pelo que acabei de expor, o quanto está equivocado o articulista.

### O CONTEÚDO E A FORMA DO TEATRO PARTICIPANTE

"Assim sendo, todo autor é participante, ainda mesmo que não pretenda ser; omitir-se é favorecer o mais forte. Neste sentido, todo teatro é político. O teatro dito imprópriamente apolítico é o teatro da classe dominante. Não combater, ignorar uma ordem social injusta, é aceitá-la. E aceitá-la politicamente. Claro que falo como autor do meu tempo e do meu país. Vivemos numa sociedade dividida entre opressores e oprimidos. Se não tomamos posição ao lado dos oprimidos, é evidente que favorecemos os opressores. É o caso da luta entre o gigante e o anão. Ficamos de fora, como simples espectadores, estamos, de fato, do lado do gigante, que manuseará o anão. Nossa participação ao lado do anão talvez equilibre a balança."

### TEATRO POLITICO

"Mas é preciso diferenciar teatro político do teatro, por assim dizer, politizante. Todo teatro é político; nem todo teatro é politizante. Há muita confusão em torno disso. Há críticos que se referem ao "teatro político" como uma tendência nova na dramaturgia brasileira. Esquecem-se de que o primeiro exemplo de representação teatral que encontramos no Brasil é um exemplo de teatro político. Ou não era político o teatro de Anchieta? Quais os objetivos declarados das primeiras manifestações cênicas promovidas pelos jesuítas para a platéia indígena? Conquistá-la para a religião católica, é claro. Mas o que era a religião católica? A religião do conquistador português. Assim, a crença e submissão ao deus dos brancos equivalia à aceitação do domínio lusitano. Verificamos, então, para espanto de muita gente, que a mais antiga

portante problema artístico que o autor deverá adotar a obra artística? Há uma única forma válida? Neste particular, sou partidário da absoluta liberdade formal. O caráter político ou negativo de uma peça teatral depende essencialmente de seu conteúdo, e não de seu realismo ou espelhar uma realidade e mais ainda que o é o revolucionário. O que não quer dizer que se deva repudiar o realismo. Muito pelo contrário. Acho que no atual estágio do processo revolucionário brasileiro, o realismo tem ainda muito a dizer. Mas não vamos nos amarrar a ele como única forma válida."

### QUEM VAI AO TEATRO NO BRASIL

"A platéia teatral brasileira é composta, em sua maioria, de pequenos burgueses, mais uma parcela mínima de burgueses. O operário não tem o hábito (e muito menos os meios) de ir ao teatro. Tampouco os camponeses. Logo, não há uma platéia popular representativa. O teatro não atinge as grandes massas, principalmente aquelas menos favorecidas e que seriam mais receptivas a um teatro verdadeiramente popular. É como a moderna dramaturgia brasileira, vivemos no estágio de um teatro político e popular, sem nos cada vez mais uma contradição entre dramaturgia e platéia. Pois eis, além de sua falta de representatividade popular, está violada por um teatro burguês de respeitável e nobre tradição. A inevitável racionalização formal e técnica de nossa dramaturgia popular vai, assim, numa direção oposta à do teatro político e popular. É a tendência da "platéia".

### AUDIÊNCIA

#### TEATRAL: SOLUÇÃO

"Eis aí, portanto, as raízes de problemas que o teatro atravessa no que diz respeito à falta de audiência. Esta contradição só seria superada restituindo-se ao teatro seu verdadeiro dono — o povo. O teatro, em suas origens, foi uma arte comunal. Após a ascensão da burguesia, o teatro foi sendo, aos poucos, subtraído ao povo, que a ele foi perdendo o acesso, por motivos óbvios. Esta é uma denúncia que temos de fazer da sociedade burguesa que, através de seu engrenagem econômico-social, procura transformar todas as artes em manifestações de elite. Em alguns países, tenta-se atualmente devolver o teatro ao povo. Como em Cuba, com ótimos resultados. Os cubanos, antes da revolução, estavam em situação bem pior que a nossa, nesse particular. O teatro se havia

constituído em privilégio de uma minoria ínfima. Os altos preços e a concorrência do cinema e da televisão haviam reduzido a atividade teatral de Havana, por exemplo, a meia dúzia de casas de espetáculos acanhadas, do tipo "teatro de bolso".

E o teatro só sobrevivia graças ao heroísmo de uns e ao esnobismo de outros. Os melhores atores haviam aceito vantajosos contratos na terra. E as melhores casas de espetáculos haviam sido transformadas em cinemas. Com a vitória da revolução, iniciou-se um processo para reorganizar o teatro. As casas de espetáculos abandoadas pelo cinema foram prontamente devolvidas à sua antiga finalidade. E alguns cinemas foram e estão sendo adaptados para funcionar como teatros. Dando melhores condições de vida aos atores, provocou-se a volta daqueles que haviam trocado o palco pelo vídeo. Uma campanha de grande envergadura foi feita nos sindicatos, no campo, nas forças armadas, em toda a parte, procurando levar o povo ao teatro. E os ingressos, como não podia deixar de ser, foram colocados ao alcance de qualquer bolso. Além disso, seções de "instrutores de arte" foram criadas e "instrutores" foram formados e espalhados por todo o país com a missão de incentivar e desenvolver o gosto pelo teatro. Atualmente são dois mil. Dois mil práticos, capazes de organizar um grupo de amadores, de encenar uma peça, de orientar um conjunto e provocar a revolução de valores que serão encaminhados à "Bateria de Arte Dramática". No primeiro mês, foram mais de 200 mil os que foram ao teatro. É uma campanha em ritmo revolucionário, uma batalha pela cultura, cujos resultados já se fazem sentir: Havana, uma cidade com pouco mais de um milhão de habitantes, conta já com uma platéia teatral quase igual a do Rio de Janeiro superior a de São Paulo. E isto foi conseguido no espaço de dois anos apenas. Porém, o mais importante é que essa platéia é constituída de operários, soldados, e a maioria, funcionários públicos, intelectuais, etc. Uma platéia realmente popular. E algumas das obras que, inicialmente, iam ao Teatro obrigados (os militares tiveram incluído em sua instrução) ir ao Teatro uma vez por semana), hoje já fazem por hábito, espontaneamente. E por que não obrigar um soldado a ir ao teatro se a instrução militar é obrigatória para todos os cidadãos?

Naturalmente, isto só se

ria possível, no Brasil, se nosso governo encarasse a cultura como um importante problema, tal como é encarada nos países socialistas. Verdade seja dita, não tivemos um presidente, o sr. Jânio Quadros, que se preocupou algo com a cultura. Os demais, sem exceção, tiveram sempre por ela o maior desprezo.

Mas dentro da atual ordem de coisas, pode haver uma saída: o Centro Popular de Cultura levado às suas últimas consequências e cumprindo sua verdadeira finalidade, por meio da qual não só os dramaturgos mas todos os artistas teriam os meios necessários à sua comunicação com o povo. Ele poderá transformar-se na grande ponte sonhada, através da qual o artista e o povo se comunicariam e trocariam mensagens. Quer levando ao povo a herança cultural da burguesia, quer aproveitando o contato com as massas para desenvolver uma cultura popular autêntica, o CPC estará cumprindo esta grande missão."

### O TEATRO BRASILEIRO

"Porém, os caminhos do teatro brasileiro estão apenas sendo delineados. Não existe um teatro brasileiro, como não existe ainda uma cultura brasileira. A emancipação cultural de um povo está estreitamente ligada à sua emancipação econômica. Aquela é uma decorrência desta, pelo menos em sua afirmação primeira. Somos um país, ainda, economicamente dependente, por isso não temos uma cultura própria formada. Por isso não temos o que se possa chamar, a rigor, "teatro brasileiro". Mas os alicerces deste teatro estão lançados. Vários caminhos foram abertos, todos buscando, dentro da realidade brasileira, o equacionamento dos nossos problemas, a tipificação de nós como povo, com a sociedade e a consciência política dos autores da nova geração. Talvez caiba a esta geração apenas o papel de pioneira, estando reservado às gerações futuras construir sobre os alicerces por ela lançados. Isto dependerá, basicamente, do processo histórico, da luta de nosso povo por sua emancipação econômica."

### O PROBLEMA DO AUTOR BRASILEIRO

"Dentro deste esquema, o grande problema do autor brasileiro, na atual conjuntura, é o de ser representado. Ainda que tenhamos conseguido uma situação, perante o empresário, quase em pé de igualdade com o autor estrangeiro, a verdade é que aquele continua a

**B. Jayme**  
O cardeal D. Jayme de Barros Câmara está fazendo uma série de palestras radiofônicas sobre a encíclica "Pacem in Terris", esforçando-se por "interpretar" a encíclica em termos de anticomunismo sistemático. Outro dia, sua eminência observou que a encíclica falava de valores espirituais. E disse, candidamente: "Ora, de valores espirituais o materialismo nem cuida, nem pode nem pensar, visto que, segundo ele, não existem".  
Com este argumento, D. Jayme está se candidatando ao troféu "Luz del Fuego" que o colunista Stanislaw Ponte Preta concede regularmente ao protagonista do maior vexame do ano.

**Argentina**  
Segundo o "Jornal do Brasil", fontes oficiais argentinas admitiram a iminência de nova crise ministerial no país irmão (10-5-63). As crises ministeriais já entraram nos hábitos do povo argentino. Os argentinos não dizem mais: "encontro você daqui a duas horas". Dizem: "encontro você daqui a quatro crises". E o turista que pergunta em Buenos Aires onde é que fica a cunha Florida deve estar preparado para ouvir a explicação: "o senhor siga em frente, e, depois da décima terceira crise, dobre à esquerda".

**Alcagay**  
Ouvido pelo jornalista José Guilherme Mendes ("Última Hora", 10-5-63), o ex-ministro Alcagay — agente do Fundo Monetário Internacional na Argentina — declarou: "Com a política financeira do ministro San Tinajo Dantás, o Brasil está entrando agora no caminho certo".  
"Ficou subentendido: "no caminho certo para se tornar uma segunda Argentina".

**Jumento**  
O governador Carlos Lacerda tem feito umas incursões demagógicas pela zona do chamado "sertão açucarado". Faz poucas semanas, acompanhado de alguns auxiliares e governador esteve passando por aquelas bandas, montado em um jumento. Por vê-lo, o jumento se atrasava, em virtude de sua natureza, através de sua carga — a comitiva se adiantava, perdendo de vista o governador. Em uma dessas ocasiões, a comitiva chegou a ficar preocupada.  
"Mas logo nos tranquilizamos (contou um dos auxiliares). Porque ouvimos um tropel de jumento e sentimos logo que era o governador que estava chegando".

**Imunidades**  
O deputado Arruda Câmara defendeu no Congresso a tese de que o deputado Leonel Brizola só goza de imunidades parlamentares quando fica sentado, questionado, dentro do recinto da casa. Para sair à rua em campanha pela realização das reformas de base, segundo Arruda Câmara, o deputado Leonel Brizola não tem imunidades e pode ser até preso.  
Bobagem do deputado Arruda Câmara. Se ele me visse, eu lhe diria que deputado tem imunidade até para usar batina...

**Deputados**  
Lacerda conseguiu impor o seu ponto de vista à UDN: a UDN agora é a favor da reforma agrária, desde que ela não possa ser realizada, isto é, desde que os latifundiários continuem a ter os seus privilégios garantidos por um artigo superado da Constituição. A exceção de um pequeno número, os deputados da UDN acatarem a resolução e estão a postos para sabotar a reforma agrária. Ao vê-los em tal situação, lembrei-me de Eça de Queiroz nas *Farpas*: "Qual é a posição dos deputados?... Na aparência santados, por dentro de cócoras".

**Elsa Maxwell**  
Quando esteve nos Estados Unidos, logo depois da guerra, a escritora Simone de Beauvoir teve oportunidade de conhecer a colunista social Elsa Maxwell (mentora intelectual de Ibrahim Sued). Simone descreve Elsa como uma "velha pesada e volúvel" que "encarna todos os defeitos da América, sem ter-lhe as qualidades". Segundo a autora de "O Segundo Sexo", a colunista "norte-americana" foi logo dizendo que se orgulhava de jamais ter lido qualquer dos livros que citava na sua coluna e declarou com a maior franqueza: "Você, na França, pensam demais (...). Na América, ninguém tem necessidade de ler, porque ninguém pensa (...). Quando se pensa, está-se perdendo tempo".  
Elsa Maxwell, como os leitores devem estar lembrados, é aquela colunista que liderou, recentemente, na imprensa norte-americana (e Ibrahim noticiou o fato aqui no Brasil), uma campanha em favor da guerra preventiva contra a União Soviética.

**PPS — Problemas da Paz e do Socialismo**  
Avise a seus leitores e agentes que o perfil de número 3/63 vigorando nos preços das assinaturas (anual Cr\$ 1.000,00 e semestral Cr\$ 600,00) e número avulso (Cr\$ 100,00), permanecendo as mesmas as condições que regulam as relações com agentes e distribuidores.  
A GERENCIA

## nr romance

### Um Dia na Vida de Ivã Denisovitch

Alexandr Soljenitsin  
Tradução de B. Albuquerque

O chefe de equipe está preocupado e vai tratar de ajustar a coisa. Vai ver se consegue largar o abacaxi para outra equipe menos esperta. Naturalmente, indo com as mãos vazias não se consegue nada. Terá de levar para o primeiro capitão meio quilo de toucinho. Ou talvez um quilo.  
E se fosse até a enfermaria para ver se me liberam do trabalho pelo menos por hoje? Por arriscar, não perco nada. Porque estou realmente arrasado. Como guarda?  
Outra coisa: quem está hoje de guarda?  
Ah, já me lembrei! É "Ivã e Melo", um sargento magro, esgouvinado, de olhos negros. A primeira vez que alguém o ouvia, fica frio; mas logo se convence de que é o mais suportável dos guardas: não mete a gente no xadrez nem leva ao oficial de guarda. De maneira que ainda posso ficar deitado até que o nono barracão vá ao refeitório.  
O balcão oscilou, sacudido. Levantavam-se simultaneamente dois vizinhos de Shukhov: em cima o bibila Aljoshka e embaixo Bulnovski, que tinha sido capitão-defrataga.  
Os velhos de serviço, depois de terem levado os dois urinóis, estavam agora disputando qual dos dois devia trazer água. Discutem obstinadamente, fêto duas mulheres. O soldado elétrico da equipe 20 deu um grito: — Eh, seus velhotes! Vamos ver se os ponho de pé!  
— 3 —

E jogou contra eles uma bota de feltro que bateu com golpe surdo contra um poste. Calaram-se.  
O ajudante da equipe vizinha resmungou: — Vassil Floriditch, aqueles animais da seção de viveres nos fizeram uma limpeza: havia quatro pães e só restam três. De quem diminuíremos a ração?  
Dissera isso em voz baixa; mas, imediatamente, todos os homens daquela equipe sabiam do caso e pensavam, silenciosos: a alguém caberia uma fatia de menos à tarde. Shukhov continuava deitado sobre seu enxergo de serragem comprimida. Desajazera que se definisse seu mal-estar: que passassem os calafrios ou o aquebramento. Porque aquele estado era pior que tudo.  
Enquanto o protestante murmurava suas orações, Bulnovski voltou da latrina e anunciou, sem se dirigir a ninguém, mas como de má-fé: — Que tempo, marujos! No duro que faz trinta graus!  
Shukhov decidiu-se então a ir até a enfermaria.  
Mas, nisso, arrancou-lhe a mania e o paleto uma mão que certamente tinha poderes para tanto. Shukhov retirou o capote que lhe cobria o rosto e se sentou. Embalço, com a cabeça na altura do beliche superior, estava o major Tartaro.  
Fazia uma ronda extraordinária e se aproximara com toda a cautela.  
— BOM-DIA! — leu o Tartaro no pedaço de pano branco costurado nas costas do capote preto — Três dias de calabouço trabalhando!  
Mal souu sua voz peculiar, sufocada, começaram a se mexer de chofre e a vestir-se pressurosamente os que ainda não se tinham levantado em todo o barracão meio às escuras, sem todas as lâmpadas acesas, e onde, em cinquenta pares de beliches duplos, chelos de percevejos, dormiam duzentos homens.  
— Por que, cidadão chefe? — perguntou Shukhov, pondo em sua voz mais pesar do que realmente sentia.  
Podendo sair para trabalhar, a prisão só é sofrida pela metade: dão de comer quente e não se tem tempo para pensar. O rum é a prisão completa, quando não se leva a pessoa para trabalhar.  
— Tu te levantas com a alvorada? Vamos ao comando — replicou o Tartaro preguiçosamente, porque tanto ele como Shukhov, como os outros, sabiam e que motivava a prisão.  
— 4 —

O rosto lúber e enrugado do Tartaro não exprimia nada. Voltou-se, procurando uma segunda vítima; mas, alguns na penumbra e outros sob as lâmpadas, nos beliches de baixo e nos de cima, todos enfiavam as pernas pelas calças pretas, estofadas, com um número no joelho esquerdo, ou, então, já vestidas, colocavam o cinto e saíam para esperar o Tartaro no pátio.  
Se a prisão tivesse sido por outro Shukhov. O que o magoava era que sempre fora dos primeiros a se levantar. Mas procurar desculpar-se com o Tartaro era inútil. Sabia muito bem. E, continuando na sua ladainha de desculpas, já por inércia, Shukhov vestira entrançadas as calças estofadas (que também tinham, por cima do joelho esquerdo, um remendo poldo e cujo onde fêto escrito com tinta preta já desbotada, um número BOM-354), o paleto estofado (com dois números iguais, um no peito e outro nas costas), procurava suas botas de feltro no monte sobre o chão, punha o gorro na cabeça (com um remendo e um número iguais na frente) e saía atrás do Tartaro.  
Toda a equipe 104 viu Shukhov sair preso, mas ninguém disse uma palavra. Era inútil, e, além disso, o que objetar? O chefe da equipe talvez tivesse podido fazer alguma coisa, mas ele não estava. Tampouco Shukhov dirigiu uma palavra sequer a quem quer que fosse. Para não irritar o Tartaro. Ocorrer-lhes-lhe a guardar-lhe o café. Saíram juntos.  
O ar gelido e tenebroso cortava a respiração.  
Dois grandes refletores, focalizados na rua distante, torres de vigia das esquinas, cruzavam seus feixes de luz na zona de segurança. Os faróis da zona e os de dentro do campo estavam acesos. Eram tão numerosos que escureciam inteiramente as estrelas.  
Fazendo ranger a neve sob suas botas de feltro, os prisioneiros iam a passo ligeiro cuidar de seus assuntos: um ia às latrinas, outro à intendência, aquele à seção de embrulhos, aquele outro a levar algo para a cozinha individual. Todos andavam com as cabeças encolhidas entre os ombros, os capotes fechados, e todos se sentiam frios, não tanto pelo frio como pela idéia de que teriam de passar o dia inteiro naquela atmosfera gelada. Mas o Tartaro, com seu surrado capote de sújos distintivos azuis, andava muito empertigado, como se aparentemente não o importunasse o frio.  
— 5 —

Passaram defronte do alto muro do BUR, cárcere interior feito de tijolos; defronte do alambrado que protegia dos reclusos a padaria do campo; defronte da esquina do barracão do estado-maior onde, preso por um grossa arma, pendia de um prele um pedaço de tralho coberto de gel; defronte de outro poste onde, em um lugar resguardado para que não baixasse muito, todo coberto de escarcha, estava dependurado o termômetro. Com recôndita esperança, Shukhov olhou de esguelha para o tubo de brancura leitosa: se estivesse marcando 41 abaixo de zero não deviam mandá-lo trabalhar. Mas, naquele dia, naturalmente, não chegava a quarenta.  
Entraram no barracão do estado-maior e depois no do corpo da guarda. E ali se esclareceu o que Shukhov já adivinhara no caminho: toda a história da prisão reduzia-se a que no corpo da guarda o chão estava semi-lavado. Uma vez ali, o Tartaro declarou que perdossa Shukhov e lhe ordenou lavar o chão.  
Esfregar o chão do corpo da guarda era obrigação direta de um prisioneiro que não saía para trabalhar fora do campo e que dava serviço no barracão do estado-maior. Mas, afeto ao barracão do estado-maior já fazia tempo, tinha acesso aos gabinetes do comandante, do oficial de guarda e do "compadre", cujos mandados fazia, às vezes escutava coisas que nem ao menos os guardas sabiam e, há algum tempo, achava que, de certa forma, era rebalzar-se ir esfregar o chão para uns simples guardas. Estes, depois de adverti-lo uma ou duas vezes, compreenderam o que acontecia e optaram por trazer para aquela tarefa qualquer um dos outros reclusos.  
A estufa do corpo da guarda estava em brasa. Sem aquecimento, com seus dois sujeitos, dois guardas jogavam damas enquanto outro dormia em cima de um estreito banco, do jeito que viera de fora, com o capotão de peles apertado pelo cinto e com as botas de feltro calçadas. A um canto, estavam um balde e um trapo.  
Encantado, Shukhov dirigiu-se ao Tartaro: — Obrigado, cidadão chefe! Nunca mais voltarei a ser preguiçoso!  
A coisa ali estava clara: quando terminasse, podia ir embora. Agora que lhe tinham arranjado trabalho Shukhov teve a sensação de inclusive achar-se melhor. Apanhou o balde e, sem as luvas (na pressa esquecera-as de baixo do trefaceiro), dirigiu-se ao pátio. (Continua).  
— 6 —

## 1º de Maio na Bahia Teve Mais Gente Que na Festa do Bomfim

**Salvador, Bahia (Do correspondente) —** Promovida pelo Comitê Permanente das Organizações Sindicais (COPS), as comemorações do 1º de Maio culminaram com um comício monstro na Praça da Sé, onde falaram representantes dos camponeses, líderes sindicais, estudantes, deputados nacionalistas e um representante dos comunistas baianos.

### PROGRAMAÇÃO

As manifestações foram iniciadas com uma missa campal pela libertação dos trabalhadores e pelos que morreram no glorioso campo de luta. A tarde os petroleiros saíram em passeata, do Campo Grande à Praça Castro Alves, onde se reuniram aos trabalhadores das outras categorias. O CPC da União dos Estudantes da Bahia encenou diversas peças. Após, falaram o dep. petroleiro Mário Lima, o superintendente da Refinaria de Mataripê, dr. Jalro Farias, e o presidente da Petrobrás, prof. Francisco Mangabeira.

### COMICIO

Da Praça Castro Alves, os trabalhadores seguiram em passeata até a Praça da Sé, onde já se encontrava enorme multidão, a espera do anunciado comício. Portantes de faixas e cartazes os trabalhadores expuseram suas reivindicações e externaram suas opiniões a respeito da situação política e social do País. Destacou-se particularmente um casal de camponeses, que com sua linguagem simples mas objetiva emocionou a todos

Os presentes. Também o padre Confa destacou-se defendendo soluções corretas para os problemas brasileiros.

### COMUNISTAS

Afirmado falar em nome dos comunistas baianos, o dep. Aristeu Nogueira, defendeu a realização das reformas de estrutura e denunciou o golpismo das forças reacionárias, encabeçadas pelos governadores Lacerda e Ademar de Barros. Ainda no plano nacional, declarou que os comunistas baianos pugnam pelo afastamento do prof. San Tiago Dantas da Pasta da Fazenda.

No plano estadual, o representante dos comunistas denunciou a intervenção dos imperialistas na Bahia através do Ponto IV e conclamou o governador a lutar pela realização das reformas imediatas ao lado do governador Miguel Arraes. "Assim — afirmou — somente assim, a exa. poderá ter o apoio popular para seu governo".

### PACHECO

O líder operário Osvaldo Pacheco não podendo comparecer dado ao horário do encerramento do II Encontro Nacional dos Estudantes coincidir com o do comício, realizou, na sede da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias, uma pequena palestra com os trabalhadores, onde afirmou a disposição do CGT e dos sindicatos de agir em colaboração na formação dos sindicatos rurais.

## Derrota espetacular de Ademar

# Ferrovários Conquistaram Aumento Com a Greve Que Não Chegou a Ser Deflagrada

Os ferrovários do Estado de São Paulo, contando com a solidariedade efetiva dos trabalhadores e a simpatia do povo em geral, fizeram com que o governo de Ademar de Barros conhecesse uma grande derrota em sua política de congelamento de salários e de repressão ao movimento operário. Ao assumir o governo, já encontrara o sr. Ademar de Barros os ferrovários em luta por reajustamento de vencimentos. Durante muito tempo, fez ouvidos de mercador às reivindicações dos trabalhadores, não se dando, sequer ao trabalho de apresentar uma contra-proposta. A certa altura, em declaração pública, afirmou que assim agiria, seguindo orientação do ministro da Fazenda no sentido de não serem concedidos aumentos salariais. Círculos ligados ao sr. San Tiago Dantas, protestaram, afirmando não existir tal recomendação, mas o incidente serviu para comprovar a determinação do governo paulista de lutar contra a elevação dos salários dos trabalhadores. No decorrer do movimento que ora comentamos dirigentes sindicais dos ferrovários tiveram oportunidade de lembrar que "a melodia que o sr. Ademar de Barros entoava ao tempo em que pedia os votos dos tra-

ção dos preços pela tentativa de estabilização dos baixos salários. E conheceda de todos a forma brutal com que respondeu às solicitações de reajustamento salarial dos trabalhadores em transportes coletivo urbanos da capital, dos operários da COBIPA e de outros setores.

### ARMAS ENFERRUJADAS

Decidido a fazer fracassar o movimento, Ademar retirou de seu arsenal todas aquelas enferrujadas e conhecidas armas dos governos reacionários. Marchou para a intimidação, para as ameaças. Declarou a greve "ilegal", ao mesmo tempo em que toda a imprensa do Estado estampava fotos dos treinamentos realizados pela Força Pública sob a batuta do "líder" americano Peter Francis Costello, como a querer dizer que, em matéria de violências policiais "contamos com o que há de mais moderno". Tentou isolar os trabalhadores e o povo contra os ferrovários, apresentando-os como "privilegiados, acima das demais categorias profissionais". Apoiado em velhos pelegos, arquitetou a cisão do movimento procurando ganhar parcelas dos empregados das estradas de ferro,

medidas enérgicas caso se concretizassem as violências. Os ferrovários da Santos-Jundiaí e da Noroeste — não integrantes da luta salarial — já haviam preparado os piquetes de greve que funcionariam caso se pudessem realizar e espantamentos. O Sindicato dos Trabalhadores em Petróleo de Santos decidiu cortar o fornecimento de gasolina e óleo combustível à capital. O Pacto Interindustrial da Capital, o Fórum Sindical de Santos, o Conselho Sindical de Campinas, sindicatos de trabalhadores de todo o interior, colocaram-se em estado de alerta, prontos a passar à ação.

A imensa máquina de repressão que havia montado, começou a demonstrar não ser assim tão perfeita. Surgiram fortes indícios de que grande parte dos milicianos da Força Pública não se prestariam ao papel de massacradores de operários que lhes destinava o sr. Ademar de Barros. A solidariedade efetiva emprestada pelos trabalhadores aos integrantes da luta corporativa quando de seus movimentos por reajustamento de vencimentos e a luta em curso pela posse dos deputados eleitos, entre os quais se encontra o subtenente Heroldes, estreitaram os laços entre os

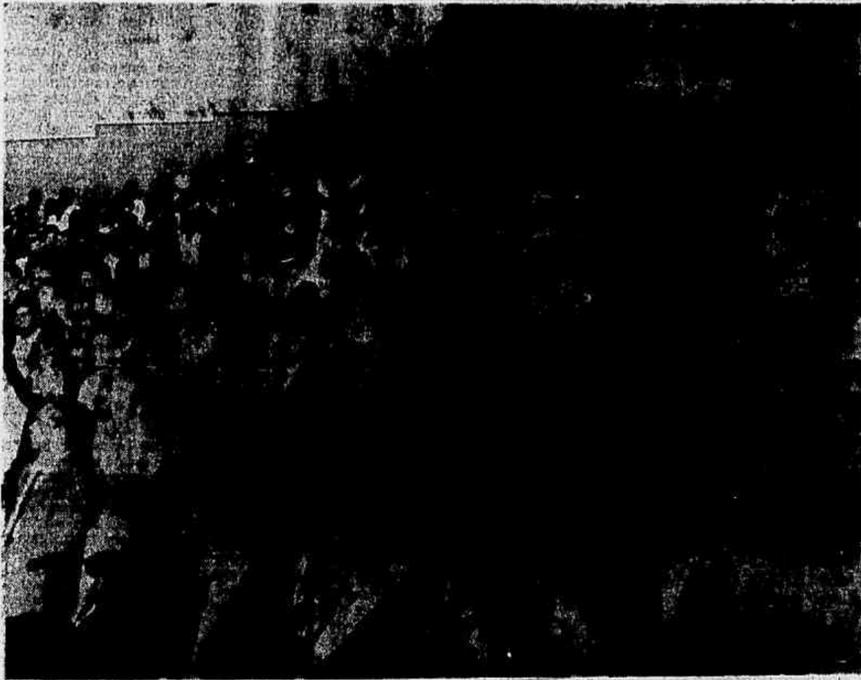
Entrou em plano o governo e a luta não, novamente, chamar os dirigentes sindicais. Nessa ocasião chegou-se ao seguinte acordo:

- 1º — Aumento geral de Cr\$ 2.000,00 a partir de 1º de maio de 1963, porém com pagamentos parciais de Cr\$ 4.000,00 até agosto e integral a partir de setembro, inclusive as parcelas atrasadas;
- 2º — aumento do salário-família de Cr\$ 1.000,00 para Cr\$ 2.000,00 a partir de 1º de maio de 1963;
- 3º — pagamento integral do 13º mês de salário aos aposentados e pensionistas;
- 4º — reestruturação das carreiras, estabelecendo-se um padrão uniforme para as grandes estradas. O pagamento deste reajustamento será feito parceladamente a partir de 1º de julho próximo.

O acordo foi assinado na referenda das assembleias, sendo a greve marcada para o dia 13, suspensa por tempo indeterminado.

### VITÓRIA DA UNIDADE

A vitória foi o resultado da combatividade, da determinação dos ferrovários em obter o que pleiteavam, bem expressas nas concentrações-monstro de Sorocaba.



TODO MUNDO FOI

A memorável assembleia realizada pelos ferrovários em Sorocaba. Participaram cerca de oito mil trabalhadores da categoria. A foto dá bem uma idéia da afluência.

## 1º DE MAIO EM SERGIPE: POVO PEDIU REFORMAS E GOVERNO NACIONALISTA

**ARACAJU, SE (Do correspondente) —** O dia 1º de Maio foi comemorado pelos sergipanos, este ano, com a mais intensa programação. Pela manhã, no Centro Operário, houve uma recepção às autoridades, e a entrega das taças aos times vencedores do torneio sindical, realizado no dia 28 de abril.

### CONCENTRAÇÃO DE 3 MIL PESSOAS

A tarde realizou-se grande concentração de mais de 3.000 pessoas, com a presença do governador do Estado, do prefeito da capital, do arcebispo Metropolitano, do secretário de Segurança Pública e outros membros do governo, líderes sindicais e estudantes. O Hino Nacional e exibições musicais deram início ao ato, sendo Don Távora o primeiro orador. Apoiou a luta dos trabalhadores por melhores condições de vida. Em seguida, falaram os líderes sindicais Luiz Gonzaga de Almeida, representando os operários têxteis; Manoel Vicente, vereador, representando os ferrovários; Agonalto Pacheco, representando o funcionalismo público e Manuel Mesquita dos Santos, representante do CGT e da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias de Sergipe, que defenderam a efetivação das reformas de estrutura, especialmente a reforma agrária, com as emendas à Constituição; a formação de um governo nacionalista e democrático; salário-família para os trabalhadores; a luta contra a carestia e o desemprego; aumento de 70% para o funcionalismo; solidariedade a Cuba; apoio ao CGT e à Frente Parlamentar Nacionalista. Os oradores falaram também sobre os problemas de Sergipe, elogiando o governo do Estado e os prefeitos e representantes legislativos cumpram os compromissos de candidatos, promovendo a industrialização do salgema e do calcário, e atendendo

às reivindicações do funcionalismo público. Também nos termos destes discursos, o CGT e a Federação dos Trabalhadores na Indústria, a Federação dos Servidores Públicos, a UEE, a USES e vários sindicatos e associações de classe, lançaram um manifesto ao povo.

### PALAVRAS DO GOVERNADOR

O ato público foi encerrado com o discurso do governador, que embora expondo o seu desejo de viver próximo aos trabalhadores, procurou justificar o não pagamento pelo Estado, das vantagens da classificação do funcionalismo.

### ANIVERSÁRIO DO CENTRO OPERÁRIO

À noite, como acontece todos os anos, o Centro Operário comemorou o seu 33º aniversário de fundação e empossou a sua nova diretoria, reafirmando-se novamente o conteúdo dos discursos de tarde. Na ocasião, falou o jornalista Orlando Dantas, referindo-se à pressão dos grupos reacionários sobre o governador e à necessidade de uma maior aproximação deste com as forças populares, sem o que seu governo corre o risco de fracassar. Encerrando a solenidade, falou o dr. José Roberto de Oliveira, chefe da Casa Civil do Governo, representando o governador e pronunciando-se igualmente pela necessidade de apoio popular "para que o governo não se deixe vencer pela pressão das forças reacionárias".

## AEROVIÁRIOS COM NOVOS DIRIGENTES

Dia 26 de abril último, foi empossada a nova diretoria do Sindicato Nacional dos Aeroaviários, em solenidade realizada na sede da entidade, na avenida Presiden-

### INPELINDO

O sr. Ademar de Barros parece ter a cabeça dura, não acredita na evolução, no progresso. Não entendeu e não aceitou a evolução política das massas. Se há muitos movimentos reivindicatórios é porque os governantes não têm pulso firme. Com ele, a conversa seria usada: polícia é para ser usada. Em poucos meses de governo, a brutalidade policial que não era pequena ao tempo de Carvalho Pinto, foi muitas vezes multiplicada. A estas horas, porém, deve estar roendo as unhas com a lição que lhe infligiram os ferrovários, apoiados na solidariedade geral dos trabalhadores e da população.

Mantendo-se intransigente, não aceitando com nenhuma perspectiva de solução, foi surpreendido pela firmeza dos ferrovários e das entidades que dirigem a sua luta. A greve que seria deflagrada no dia 11, foi decretada já no dia 6, para iniciar-se às 24 horas do dia 13.

As suas ameaças de uma repressão sem precedentes deu pronta resposta o movimento sindical de S. Paulo e de todo o Brasil. Comprendendo estar em jogo o direito de greve, o Comando Geral dos Trabalhadores se comprometeu a tomar

### ACORDO

Vendo que às 24 horas do dia 13 os trens parariam, mesmo, Ademar tentou, ainda, uma manobra de envolvimento dos dirigentes do Pacto de Unidade dos Ferrovários. Suas tentativas de cisão do movimento haviam fracassado. Várias reuniões, convocadas sigilosamente por agentes seus e administradores das ferrovias do Estado, em Assis, São Paulo, S. Vicente e Itapetininga, haviam fracassado, graças à vigilância da massa de ferrovários. Nessas reuniões, os instrumentos de Ademar haviam sido desmascarados e, em alguns deles, obrigados a abandonar o recinto debaixo de valas.

A experiência não serviu para o governador, que mandou chamar os dirigentes do Pacto, em palácio, no dia 13. Nessa ocasião, Ademar entrou com a sua jogada: determinou que o diretor da Sorocaba, mais representantes das Secretarias da Viação e dos Transportes realizassem um estudo da situação, numa evidente tentativa de ganhar tempo. Convictos de que dali nada sairia de concreto, os dirigentes ferrovários abandonaram os Campos Elísios dirigindo-se para os postos de comando, descendo para as concentrações ferroviárias, ultimando os preparativos da greve.

## SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS, MECÂNICAS E DE MATERIAL ELÉTRICO DE NITERÓI

Rua Cel. Gomes Machado, 122 - tel. 2-5898 - Niterói

Saudamos os operários brasileiros pelo transcurso do 1º de Maio. Desejando-lhes um futuro de independência e unidade na sua luta de libertação.



1º de Maio em Bagé teve desfile e comício

**BAGÉ, Rio Grande do Sul — (Do correspondente) —** O 1º de Maio foi comemorado nesta cidade com um desfile de centenas de trabalhadores, camponeses, intelectuais, donas-de-casa e estudantes, que partiram da Praça dos Deputados. A passeata seguiu até a Praça Silveira Martins, onde foi realizado um grande comício, em que usaram da palavra dirigentes do Comando Sindical, o deputado Justino Quintana, o sr. Walter Almeida, ex-presidente da COMAP, a professora Ligia Almeida, o líder camponês João Abero, o estudante Luis Carlos e vários outros. Na foto, um aspecto do desfile.

## "OS MENDIGOS"

Um ex-mendigo, o motorista Cremlton Alves Sobreira, residente na Guanabara, elabora uma apreciação do filme "Os Mendigos", exibido recentemente nos cinemas do Rio de Janeiro e produzido pelo movimento de jovens cineastas brasileiros conhecido como cinema novo.

Em sua opinião: "Inicialmente devo dizer que nada tenho que ver com os participantes do referido filme, nem faço uma crítica, mas simples protesto.

Numa hora trágica e cruel para os mendigos, eis que foi feito um filme satirizando aqueles infelizes, vítimas da sociedade, simplesmente com finalidade comercial. Arranjaram uma película cômica, envolvendo aqueles séria humilhações abandonados pelo atual regime, numa sociedade multas vezes desalmada para com os seus semelhantes. Os produtores desse filme certamente estavam "alheios" aos dramas atuais dos mendigos, pois se esqueceram das "exportações" daqueles miseráveis pelas estradas abandonadas do Norte do Estado do Rio, e os afogamentos criminosos, minuciosamente premeditados nas águas escondidas do Rio da Guarda.

Quando fui ver aquele filme, imaginava que era um drama, e não comédia, e sofri tremendo impacto emocional, que me causou imediata revolta.

Ele causa a impressão geral de que os mendigos são pessoas felizes, que são mendigos porque querem, pois resolvem até realizar um casamento de dois que viviam agregados a eles. A alegria era tanta nessa festa impossível que aquelas tristes vítimas da sociedade até riam à-toa. A meu ver, o filme deveria ter desenvolvido dramaticamente, isto sim, e mostrar as origens prováveis que tornaram em mendigos aquelas pobres "figuras".

A fita está cheia de palhaçadas, com mendigos felizes pelo convívio da própria sorte, risinhos, etc. Eu tenho "autoridade" para protestar, conhecendo profundamente a vida daqueles infelizes, pois nos anos de 1938 a 1939, eu fui um deles. Sei por isso que mendigos de fato não sabem nem rir (pois são a solidão encarnada na forma humana), com exceção apenas para aqueles que de, tanto sofrimento, já sofrem de insanidade mental, e que quando sorriem, é só inconscientemente que o fazem na sua infelicidade.

Mendigos não andam em grupos, e jamais iriam cotizar-se para arranjar um casamento, de dois deles, pois desde o primeiro "niquel" que lhes cae nas mãos, estão pensando empragá-lo em algo para comer.

Não mostra o filme, nem uma vez, as cenas de mendigos, como já aconteceu comigo, catando "muquiranas" nas costuras de seus trapos.

Faltou a "sens" comum de um mendigo adulto dividir um pedacinho de pão com um mendigo-infantil (crianças desamparadas).

Outra cena para tornar "real" o filme seria esta: — O mendigo entrar numa barbearia e pedir por "tudo no mundo" que lhe cortassem o cabelo, e obter a seguinte resposta: — Como vai ser de graça o corte, será cortada sumariamente a cabeleira. O que obrigaria a vítima a ter a cabeça raspada, expondo-se a maiores resfriados por ser subalimentado (também isto já me sucedeu).

Como cena cômica, um mendigo imploraria uma calça, pois a dele mal se pareceria com a "folha de parreira" usada pela figura lendária de Adão. Então lhe dariam uma calça, porém de tecido branco, quando o desgraçado imaginava possuir de cor escura para durar mais tempo parecendo limpa...

Posso protestar contra aquele filme, pois isso tudo já aconteceu comigo ou com outros "colegas"...

Outra cena sem realismo do filme: — Aquela em que vários mendigos correm desde o centro da cidade até a "aspucal" do bairro do Caju. Mendigos não teriam nunca tanta resistência física para correr quilômetros. Só mesmo em filme (daquela espécie) é que tal milagre poderia ocorrer, porque na realidade os mendigos são trapos humanos, geralmente enfamecidos, doentes, e com mil outras mazelas. Francamente, farei apenas um elogio ao referido filme, com relação às referências que o mesmo contém contra certa nação "desenvolvida", que muito nos tem humilhado, espoliando as riquezas do Brasil.

Como "sobressano", louvarei também as críticas relativas à política nacional do momento; quanto a quase todo o resto, acho que se trata de uma palhaçada de fracassos, para avançar omissos de uma planície que não precitaria ir à custa de uma miserável, vendo uma narração quase tão falsa a respeito de suas vidas (ou mortes)...

## PADRE ALIPIO E REFORMA AGRÁRIA

Dois tópicos da carta de Dulce Rodrigues Pereira, da Guanabara:

"É inteiramente injusta e arbitraria a prisão do padre Alipio de Freitas. Não podemos deixar de protestar contra ela. Fala-se até em expulsá-lo de nosso País, o que teremos de impedir de qualquer maneira. Na minha opinião deveria ser organizado urgentemente um movimento de solidariedade ao digno sacerdote, com coletas de assinaturas para exigir a sua imediata liberdade".

"É imprescindível a criação de um amplo movimento popular organizado, de luta pela reforma agrária. Mesquinhas para recolhimento de firmas, palestras através do rádio e nos sindicatos e outras organizações do povo deverão ser incrementadas, exigindo a imediata modificação constitucional que permita uma reforma agrária que atenda aos interesses dos camponeses".

## JORNALISTA VENAL

Everaldo Fontes Freire, de Lagarto, Sergipe, protesta contra o tom e o conteúdo, ambos de sarjeta, dos artigos que o sr. David Nasser escreve semanalmente na revista O Cruzeiro. Afirma o leitor que o citado escreva "insulta com o maior cinismo e o menor respeito todas as personalidades que deram ou dão prova de patriotismo e de amor ao povo", sendo que "sua pena volta-se tão somente para o fito inglorio de depreciar a nossa Pátria". Conclui Everaldo dizendo que o sr. Nasser é um insensível à miséria que atormenta o nosso povo e está a serviço "do abutre Lacerda e de sua camarilha".

O leitor envia ainda um poema, de sua autoria, dedicado ao líder camponês João Pedro Teixeira, assassinado pelos latifundiários parabaianos. Os versos não vão publicados por absoluta falta de espaço.

## ETELVINO É DA MARMELADA

Miguel Gomes Filho, de Brasília, manda um recorte de jornal, acompanhado de comentários seus, de profunda e justa revolta diante dos fatos narrados na folha: a aprovação, em exames escolares, de dois alunos relapsos, apenas por serem filhos de importantes figuras das classes dominantes. Os jovens, reprovados nos exames e mandados matricular na série superior pelas autoridades do Ministério da Educação após "comfêrncias" destas com seus respectivos pais, são filhos do ex-deputado Etevlino Lins e do ministro Villas Boas, do Supremo Tribunal.

Miguel chama a atenção para a condição dos pais prevaricadores. Um distribui justiça, como ministro de um tribunal, e o outro, Etevlino, é um dos mais ferrenhos lutadores contra a "corrupção dos costumes".

## ELES SÃO OS DONOS DA TERRA

Comentando a ocupação, pelos camponeses, das terras do Imbé, em Campos, Est. do Rio, o estudante Sidnei José de Oliveira, da Guanabara escreve: "Mas uma vitória conseguiu o povo brasileiro quando os camponeses do Imbé, alguns dos quais vivendo naquelas terras há mais de dez anos e sofrendo toda sorte de intencionalidades e desgraças, ocuparam a área que o latifúndio maninha inexplicável e improdutiva.

Nessa batalha foram liderados, os lavradores, por José Puzera, um camponês de fibra, consciência e valor, que vem deixando muito latifundiário com a pulga atrás da orelha. A frente de 300 famílias de trabalhadores eles acampou em uma clareira em plena mata virgem, e lá está resistindo aos gorilas do latifúndio, como João Cleophas, os ingleses Whather e Frytmann, a família Noll e alguns cubanos que fugiram da ilha após a queda do ditador Fulgêncio Batista e que aqui já são coronéis da terra.

Nós da Guanabara e dos demais Estados da Federação temos de emprestar total solidariedade aos nossos irmãos camponeses do Estado do Rio e apoiar a comunidade que se estabeleceu no Imbé sem temer a reação imposta pelos grileiros".

## AGRADECIMENTO

Carlos Don Felipe, da Guanabara, telegrafia agradecendo a publicação nesta coluna (NR, número 218) de alguns conceitos seus sobre a luta pelas reformas de base. Não há de que agradecer, Carlos. Nós é que o fazemos.

# Fazendeiro Compra Terras no Vale do Urucuia Explorando o Medo à Reforma Agrária: MG

Reportagem de Wladimir

O sertão do Urucuia é conhecido, através das obras do sr. João Guimarães Rosa, no País e no estrangeiro. Em livros como "Sagarana", "Corpo de Bala" e "Grande Sertão: Veredas", franceses e norte-americanos, além dos brasileiros, podem tomar contato com o linguajar típico, com as angústias metafísicas e o espanto do sertanejo diante da realidade. Mas, ninguém sabe como o homem do Urucuia é explorado pelos latifundiários, como o "barbeiro" reduz a sua expectativa de vida a 25 anos, e como ele passa fome.

## A REGIÃO

Conhece-se, vulgarmente, como "Zona do Urucuia" a região do Estado de Minas, à margem esquerda do São Francisco, entre os rios Carimã e Paracatu. A área é de mais ou menos 100 000 quilômetros quadrados — 1/3, portanto, da extensão territorial do Estado. Mas como a ocupação principal é a pecuária, a região é a menos povoada de Minas. Dominam-na famílias de latifundiários, como as dos sr. Saint Clair Valadares (muito conhecido em Belo Horizonte como grileiro de fazendas), Enoch de Assis Ca-

marcos (que vive em São Romão), João Torres (que além de latifundiário, é agiota) e outros mais. Mas eles, que exploram os seus vaqueiros, não, por sua vez, vítimas de outros exploradores — os grandes frigoríficos americanos, que lhes compram as reses para industrializar a carne. Os grandes compradores na região são a Anglo (The Lancashire General Investments Co.), Armour (grupo de Chicago), Swift e outros. Aham, no entanto, que fazem muita vantagem, explorando os vaqueiros que cuidam de suas reses. Mas já amadureceu, entre os vaqueiros urucuienses, a idéia da liberdade e as notícias da reforma agrária chegaram até lá.

## COMO VIVE O VAQUEIRO

O vaqueiro do Urucuia é miseravelmente explorado pelo latifundiário. O dono da fazenda lhe dá, de vez em quando, algum feijão, arroz e farinha. Mas dá pouco, o que permite ao vaqueiro ter, com sua família, uma refeição miserável por dia, se quiser que o mantimento dê para o ano todo. No fim do ano, o vaqueiro-encarregado ganha duas novilhas e

um pótre. Somando tudo, não dá cinco mil cruzeiros por mês. Morando em cabanas de folhas de buriti, o vaqueiro vê a sua família diminuir-se pela malária, pela doença do Chagas e pela fome. Não pode ir ao médico, porque somente em Pirapora, a quatro dias de viagem a cavalo, existe assistência médica e hospitalar. Quando alguém adoecer gravemente, pode esperar a morte, porque a morte não falta.

Vivendo entre tanto gado, o vaqueiro só come carne uma vez por ano — no Natal, quando o criador permite a matança de uma res.

## INVASÃO DE TERRAS

O Vale do Urucuia é uma das regiões onde o Estado de Minas possui terras. Somente o Banco Hipotecário possui, nas margens do córrego da Conceição, dois mil alqueires geométricos. E essas terras, que são do povo, estão ocupadas por latifundiários, que fazem a criação, conforme eles mesmos dizem, "na larga" — nas terras sem domínio particular, que pertencem ao Estado. Mas se um possessor tenta plantar nestas mesmas terras, o fazendeiro que as está utilizando expulsa-o: o direito de ocupação é dele,

que é forte, e tem amigos no governo — os miseráveis que vão para o inferno.

## FEUDALISMO NO DURO

Quem conhece o Urucuia sabe que as relações de convivência na área são totalmente feudais. O fazendeiro tem o direito de vida e morte sobre o seu vaqueiro ou rendeiro. E o homem que entra em desgraça, junto ao dono da terra é muito feliz quando tem oportunidade para fugir: na maioria das vezes é assassinado por jagunços, seu corpo jogado no rio, e ninguém fica sabendo (nem se interessa) pelo seu destino.

As mocinhas, quando se tornam mais bonitas, acabam indo parar nos bordéis de Januária, São Francisco e Pirapora, para agradar os filhos dos fazendeiros ricos.

Até para se casar, o vaqueiro tem que pedir permissão ao fazendeiro.

## LUCIANO DOMINA

Um dos novos "senhores" do Urucuia é o sr. Antônio Luciano Pereira Filho. Há poucos dias, acompanhado de sua amante (uma mocinha de 17 anos), o "gangster"-deputado esteve em São Romão, para receber a escritura de uma gleba de 15 000 alqueires de terras, localizadas no Vale do Urucuia. E' plano do ex-banqueiro, agiota, e deputado do PSD, tomar conta de todo o Vale. Para isso, deu instruções a agentes seus, que devem, segundo disse, aproveitar o medo da reforma agrária, para comprar todas as terras disponíveis: — Se vier reforma agrária, será com indenização em dinheiro. Ai a gente pode ganhar muito...

## edições

### paz e socialismo

O que há de mais útil, atual e oportuno nos folhetos: A Força do Comunismo está em sua unidade Cr\$ 180,00 O Leninismo em Ação ..... Cr\$ 250,00 Pela Independência Nacional ..... Cr\$ 300,00 Em espanhol e francês. Atende-se pelo Reembolso. Pedidos e valores em nome de H. Cordeiro, rua da Assembleia, 34, salas 204 e 304. Rio (GB).

## Uma carta: um depoimento

Esta veio de Fortaleza, Ceará. E é tão eloquente que devo dela reproduzir trechos. Diz A. F. o missionário: "Minha intenção não é exagerar, deformar, fazer sensacionalismo. Longe disso. Vamos aos fatos. Conheço, como as palmas de minhas mãos, serras e sertões de meu velho Ceará e de minha encantadora Fortaleza, seus bairros e subúrbios. Pobre e infeliz terra, esquecida e abandonada como esquecido e abandonado está o Nordeste. Seu povo vegetando. Crianças morrendo à míngua e cheios de lepra, ora sofrendo a inclemência das secas ora a inclemência das águas destruindo casas, devastando colheitas, empobrecendo os campos, danificando o solo. E não é menos constringedora a vida das crianças nos bairros e subúrbios de N. S. de Assunção, destituída de tristezas e melancólicas pelas ruas da "Loira despretada do sol" sem ter quem suavie suas dores e sofrimentos. Vivem elas como as de todo o Brasil de mãos estendidas e olhos suplicantes à cata de um pouco de pão. E não é só: a maioria delas sem lar, sem escola, dormindo nas sarjetas, nas portas dos estabelecimentos comerciais, nos bancos das praças públicas e quando menos esperam são molestadas pela polí-

cia. Procuram movimentar-se de diversas maneiras: umas colorando papéis nas letas de lixo a fim de acender o estômago, outras menos dispostas vão fazer filas às portas dos restaurantes a espera de sobras de comida. Outras dão-se ao vício da embriaguez, outras ainda por meios arriscados e anti-sociais lançam mão do alívio e, finalmente, raras as que não enveredam pelo caminho do crime e da prostituição". A carta é longa; A. P. deu-me, com ela, um depoimento humano de primeira ordem. O sofrimento das crianças de Fortaleza é idêntico ao sofrimento das crianças pobres deste país, no qual não se pensa pela manhã, talvez porque não vote. Que fazer, meu amigo A. P. senão protestar, brigar, lutar contra isso como nos fazemos? Apelar para quem? O problema da infância brasileira está à frente de todos os olhos, mas ninguém dele toma conhecimento a não ser para falar em "caridade" como se caridade resolvesse um problema que é de multitudes. Muito obrigada pela sua carta e suas palavras de estímulo. Publicando trechos dela quis que os leitores de NOVOS RUMOS vissem conosco os problemas da infância cearense.

# Calor da Unidade Dos Trabalhadores Marcou o 1º de Maio em Cabo Frio

Os sete mil operários de Cabo Frio comemoraram a passagem do 1º de Maio desde as primeiras horas da manhã, mantendo a cidade num animado clima de festividades. Participaram das manifestações os sete sindicatos operários, a associação de camponeses, clubes de futebol e outras organizações locais.

## ARRAJAL DO CABO

O município de Cabo Frio tem sua concentração operária dividida em dois distritos, um que compreende a cidade e outro o distrito de Arrajal do Cabo. As manifestações dos trabalhadores iniciaram-se no Arrajal indo encontrar-se em Cabo Frio na passeata que culminou com a realização do grande comício.

Depois de tocada a alvorada pelos sinos da Igreja Batista, foi lançada a pedra fundamental da nova sede do Sindicato de Produtos Químicos. Em seguida, a manifestação nacional hasteada a bandeira nacional no pátio da Companhia de Alcaali, tendo discursado, em nome do presidente da empresa, o major Pimentel, que ressaltou a importância do 1º de Maio na luta dos trabalhadores por melhores condições de vida e trabalho.

Terminada a solenidade, os operários seguiram em passeata para Cabo Frio.

## PASSEATA

Os operários das indústrias da cidade, juntaram-se aos operários do Arrajal no desfile pelas ruas de Cabo Frio. Eram três mil trabalhadores, e em punhido currujeiros, acompanhados de cartazes alegóricos e de jovens desportistas da localidade. A frente do desfile ia o prefeito Antônio Macedo Costa, os deputados federais Adão Pereira Nunes e padre Leje, acompanhados pelos dirigentes dos sindicatos locais.

## COMICIO

Cérea de seis mil pessoas encontravam-se na praça, cercada totalmente o palanque. E ali permaneceram até que terminasse a manifestação, para, em seguida, assistirem às comemorações esportivas dos Sindicatos. Falaram os deputados presentes, o presidente do Sindicato de Produtos Químicos — Altamiro Inácio de Oliveira — e frei Ponciano, Pároco de Cabo Frio, que, como os oradores que o antecederam, levantou a necessidade das reformas de base ligadas ao significado histórico do 1º de Maio.

## FUTEBOL E BAILES

A tardinha foram realizadas partidas de futebol e vôlei entre as equipes das Companhias Industriais e os clubes locais. Os times da Companhia Nacional de Alcaali venceram as representações locais da Marinha tanto em vôlei como em futebol de salão. Encerradas as competições esportivas, os Sindicatos ofereceram um grande baile na Companhia Nacional de Alcaali, e em Cabo Frio foi servida uma mesa de doces.

## REFORMAS DE BASE

Em todas as falhas, em todos os cartazes e nas alocações de todos os oradores o tema central eram as reformas de base e de manufatura especial a reforma agrária.

Na luta pela libertação do homem do campo, os operários de Cabo Frio já levaram sua solidariedade a todos os movimentos que o lavrador tem realizado no norte fluminense. Foi levada a ajuda tanto aos camponeses de São Pedro d'Aldeia, como aos acampantes do Imbé, mostrando que a melhoria das condições sociais do trabalhador dependem, como toda a estrutura da Nação, da libertação do camponês brasileiro.

## Ajuda a NOVOS RUMOS

Manoel Carneiro dos Santos (Sepetiba, GB) — Cr\$ 2.000,00. Amigos de Petrópolis (quotas de abril e maio) — Cr\$ 4.000,00. CP, Rio, GB — Cr\$ 500,00. Elias Nicolau Martins (Rio GB) — Cr\$ 2.000,00. Dois amigos (Três Rios, RJ) — Cr\$ 400,00. Prof. Emmanuel Cavalcanti (Rio, GB) — Cr\$ 10.000,00.

## Uma oferta excepcional do PPS

Este anúncio é particularmente dirigido a você, prezado leitor. Como você sabe, nenhuma publicação faz milagres com os preços atuais do papel e serviços gráficos. Mas PPS pode-lhe fazer uma oferta excepcional: uma assinatura por apenas Cr\$ 750,00. Você receberá desde o número de janeiro de 1963. Dirija o seu pedido para rua da Assembleia, 34, sala 304, Rio (GB). Valores em nome de H. Cordeiro.

## LIVROS SOVIÉTICOS

NOVIDADES	EM ESPANHOL
AMÉM VIVEM OS OPERÁRIOS SOVIÉTICOS, V. Semionov. Informações completas e atualizadas. Ilustr. 120	O PROGRESSO TÉCNICO NA URSS. Mecanização e automatização. Situação. Química. Maquinaria. Ilustr. 250
SOBRE O MOVIMENTO OPERÁRIO E COMUNISTA INTERNACIONAL, de Lênin. O Nascimento e desenvolvimento. 456 páginas. Enc. 460	A LUTA DOS POVOS DAS COLÔNIAS E PAÍSES DEPENDENTES CONTRA O IMPERIALISMO, de Lênin. Livro atualíssimo. 320 páginas. Enc. 700
A PLANIFICAÇÃO ECONÔMICA NA URSS NA ETAPA ATUAL, de I. Evenko. Teoria e prática de planificação econômica. Enc. 280	ARTE FOTOGRAFICA SOVIÉTICA. Album com 149 fotos, feitas por mestres, veteranos e jovens fotógrafos. Histórico, documental e artístico. Enc. 2.500
A COOPERAÇÃO ECONÔMICA DA URSS COM OS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS, de Rymaiov. A cooperação da URSS com os países da Ásia, África e América Latina. Ilustr. 160	A ESCOLA SOVIÉTICA E O AMOR AO TRABALHO, de S. Gromin. Experiência do ensino moderno em meio rural. Enc. 300
A DEMOCRACIA SOCIALISTA SOVIÉTICA, de Lênin. As diferenças entre a democracia burguesa e a democracia socialista. Enc. 180	A ALIANÇA DA CLASSE OPERÁRIA COM O CAMPESINATO, de Lênin. Enc. 600
A ENERGIA DO ATÔMO, de Gindkov. Livro magistralmente ilustrado e de fácil leitura. 650	PROBLEMAS DA EDIFICAÇÃO DO SOCIALISMO E DO COMUNISMO NA URSS, de Lênin. 100
HISTÓRIA DO PCUS, de vários autores. Edição encadernada. 600	BOLA AO CESTO, de P. Tustin. Técnica e tática do jogo. Preparação do atleta. Ilustr. 380
O CORAÇÃO DA SERPENTE. Contos fantásticos de autores soviéticos. 170	

PEDIDOS À AGENCIA INTERCAMBIO CULTURAL RUA 15 DE NOVEMBRO, 228 — 2º ANDAR — SALA 2 SÃO PAULO ATENDEMOS PELO REEMBOLSO POSTAL



# Operários Navais Ajudam Reforma Agrária do Imbé

Em três visitas ao acampamento do Imbé, os operários dos estaleiros de Niterói levaram uma ajuda de quase meio milhão de cruzeiros aos camponeses que ocuparam as terras griladas pela Usina Cupim.

No local onde estão os lavradores, em plena mata, torna-se impossível subsistir sem que venha a ajuda de outras organizações de trabalhadores. E é essa ajuda que está sendo prestada pelos operários navais.

## MOCANGUÊ

Um caminhão com 50 operários do estaleiro Mocanguê foi a primeira comitiva a visitar o acampamento. Naquela época os lavradores estavam enfrentando uma séria falta de comida e de roupas. Os operários haviam levado uma pequena ajuda em dinheiro e roupas que serviu para amenizar bastante a situação.

Foram os operários do Mocanguê que viram o acampamento isolado no

melo da mata. Tiveram que atravessar a pé alguns charcos e matagais. Mas o quadro iria modificar-se.

## COMÉRCIO E NAVEGAÇÃO

Na semana seguinte, mais avisados, chegaram ao acampamento num ônibus companhia 80 operários da Companhia Comércio e Navegação. Traziam vinte sacos com roupas para duzentas pessoas, cobertores, arroz, feijão e uma grande quantidade de carne seca, a isso tudo podemos somar um jogo completo de ferramentas.

Essa delegação resolveu totalmente o problema da vestimenta e ainda deu meios aos camponeses para que pudessem aumentar o volume das obras que estavam realizando no acampamento.

Mas, apesar de toda a ajuda recebida, os lavradores sempre necessitavam de mais alguma coisa, pois a cada dia aumentavam as

famílias que precisavam permanecer no acampamento. Eram mais bocas para as refeições e mais braços para o trabalho.

## 1º DE MAIO

No Dia do Trabalho, enquanto uma delegação de camponeses descia a serra para agradecer, em Campos, pela ajuda prestada pelos ferroviários, chegavam três vagões lotados por 80 sargentos do exército e cerca de 100 operários navais do estaleiro CACREM.

Mas, agora, a delegação já entrava diretamente no acampamento, os camponeses haviam aberto três quilômetros de estrada, com numerosas pontes e aterros. Os barracos que foram visitados pela primeira delegação já haviam sido melhorados, construíram-se pre-cárias instalações sanitárias, e já havia a perspectiva da resolução do problema. Uma delegação de técnicos da SUPRA já tinha efetuado a me-

dição das terras, e, dentro de alguns meses, cada família, das 400 inscritas, receberá o seu pedaço de terra.

## MOCANGUÊ DE NOVO

Talvez o problema já esteja caminhando para uma solução mas a solidariedade ainda é necessária. Por isso, na semana passada voltou ao Imbé uma delegação de operários do estaleiro Mocanguê, acompanhados por representantes do estaleiro Caneco que se haviam dirigido ao Sindicato para também prestar ajuda aos lavradores.

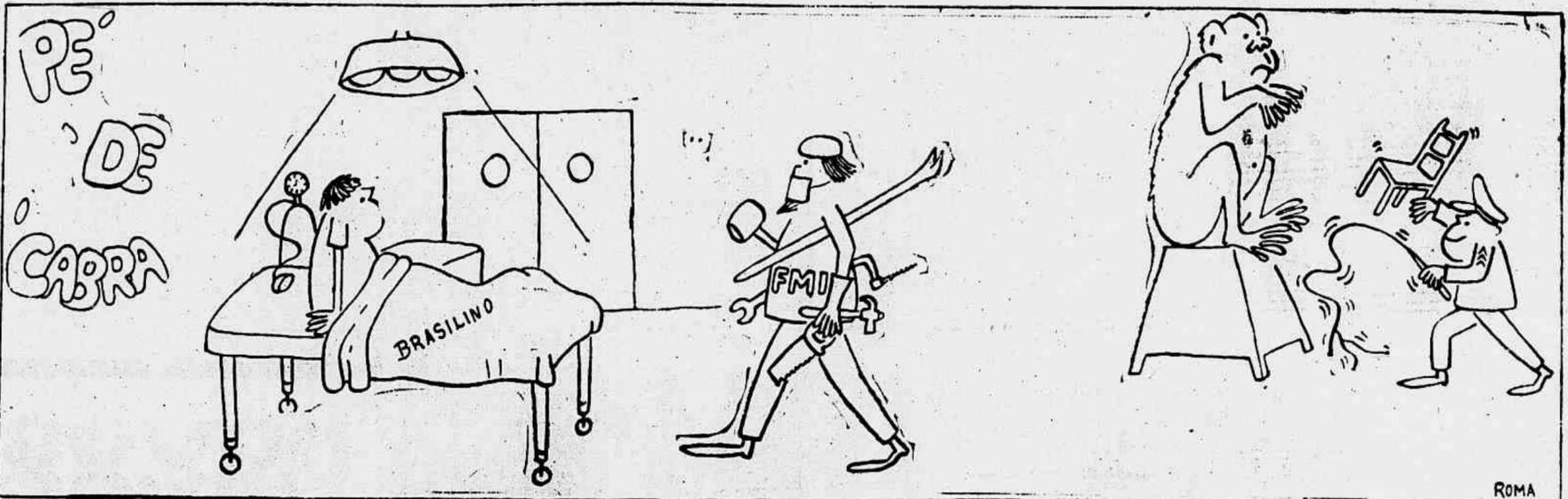
Na primeira viagem do pessoal do Mocanguê iam 40 pessoas e uma modesta solidariedade. Mas as necessidades dos camponeses foram sentidas pelos trabalhadores: agora eles eram 80, e levavam sacos de arroz, feijão, batatas e dezenas de fardos de carne seca. Seguiu com os trabalhadores um prático farmacêutico que permaneceu no Imbé durante vários dias exa-

minando e dando remédios aos lavradores, tendo inclusive determinado a imediata hospitalização de um camponês atacado de barriga-d'água.

## AMEAÇAS SEM IMPORTANCIA

Jagunços contratados pelos usineiros rondam diariamente o acampamento, inclusive ameaçando os técnicos da SUPRA que mediam as terras.

De nada adiantará que latifundiários e camponeses do Imbé, pois ao lado deles se encontram os ferroviários de Campos com sua ajuda local e os operários navais de Niterói que participam da luta, ajudando de maneira eficaz e humana os lavradores que hoje necessitam de ajuda para subsistir mas que amanhã saberão tirar da terra não só a subsistência mas a colheita que alimentará o País.



# Abolição: Reforma de Base Conquistada no Século XIX



Dia 13 foi comemorado o 75.º aniversário da Abolição da Escravatura graças, segundo o ensino em nossos colégios, à magnanimidade da Princesa Isabel, Regente do Império na ocasião, em virtude de enfermidade de seu pai, o Imperador D. Pedro II.

Não se pode, evidentemente, numa simples reportagem, analisar em profundidade um fato histórico de tamanha envergadura e de tão grandes consequências como a abolição do sistema baseado na escravidão, transformação talvez comparável — guardadas as proporções — à abolição do latifúndio por que hoje se combate.

Mas é possível e necessário, porém, recordar alguns fatos ligados ao evento que esclarecem como foi conquistada a abolição, não uma dádiva da princesa, mas fruto — como, aliás, todas as reformas e leis de interesse nacional — de ingentes esforços e pressões do povo e seus líderes autênticos, contra a reação encarnçada dos representantes dos grupos atingidos em seus privilégios.

## NECESSIDADE IMPERIOSA

Em breves traços, antes de entrar no objetivo principal da reportagem, que é narrar alguns fatos da batalha popular e parlamentar que se desenvolveu na época, lembremos duas ou três razões determinantes da imperiosidade de liquidar naquela quadra do século passado a escravidão, sistema de trabalho que, além de assilar a humanidade, entravava o desenvolvimento da produção e baseava a prosperidade.

A Inglaterra, grande potência do século XIX, procurava em grande escala máquinas que precisava vender para os demais países. Tais máquinas, fundamento da indústria, requeriam para seu manejo a existência de homens livres e não escravos, condenados a viver no campo, nos trabalhos agrícolas. Resolve a Inglaterra proibir, e cumprir a proibição com os canhões de suas embarcações, o tráfico marítimo de escravos, o que de pronto se fez sentir no Brasil.

A Guerra de Secessão nos Estados Unidos (1860/1865), com a libertação dos escravos sulistas pela força e o surto de progresso permitido naquele país com o trabalho livre da escravidão, imposição do desenvolvimento das forças produtivas e dos meios de produção, muito contribuiu para o acirramento da luta abolicionista em nosso País.

E ainda, para citar um exemplo interno, a imigração de trabalhadores europeus, em dificuldades em seus países de origem (a Itália principalmente), que para cá vieram a fim de trabalhar no campo à beira da remuneração, substituindo o trabalho escravo com vantagens. São Paulo, por exemplo, quando da abolição, quase já não possuía escravos e, sem esquecer naturalmente outros fatores, apresentava um índice de desenvolvimento bem superior ao das demais províncias.

## AS LUTAS POPULARES

Pode-se dizer, sem receio de exagero, que a luta contra a escravidão começou quando se instalou no País o trabalho escravo. Não era possível ao negro traído da África submeter-se sem protesto ao trabalho antinatural, anti-humano, a que lhe destinavam. A história da escravidão no Brasil é todo um capítulo heróico de fugas, quilombos, rebeliões.

E desde os primórdios do século XIX, como consequência dessa revolta dos escravos e do conhecimento, pelos homens de consciência mais avançada e progressista, das condições e necessidades do País, começa a luta organizada em prol da abolição.

Essa luta se desenvolveu em várias frentes, utilizando-se todos os meios possíveis. Criação de organizações antiescravistas, pressão popular ao Parlamento, ação extralegal com ajuda na fuga e no esconderijo (acoutamento) de escravos perseguidos, ação parlamentar.

Durante todo este tempo, se fazia sentir a ação obscurantista na Câmara e no Senado, onde os representantes dos senhores de escravo procuravam obstaculizar por todos os meios a aprovação de leis que lesvassem à manutenção do elemento servil, mesmo de leis que de uma ou outra forma protegessem o escravo. Tal e qual o que vemos hoje, com argumentos muito semelhantes, em alguns casos absolutamente iguais, como veremos, aos dos que se opõem à aprovação da mudança do sistema arcaico de propriedade da terra.

Ainda assim, dada a sua inevitabilidade, o processo foi marchando, a trancos e barrancos, e já em 1831, mais por imposição da Inglaterra, os parlamentares eram obrigados a votar a lei de 9 de novembro proibindo o tráfico de escravos, proibindo sua vinda da África, primeiro passo restritivo oficial e motivo para a intensificação do movimento pela alforria completa.

Limitemo-nos a enumerar agora alguns dos fatos, apenas dos dez anos que precederam a libertação, que podem dar uma idéia, ainda que pálida, do que foi a ação popular na década de 80, ação que já conseguia vitórias parciais, embora de pouca significação — mais uma escamoteação —, como a famosa "Lei do Ventre Livre" aprovada a 28 de setembro de 1871.

Em 1830, foram organizadas duas importantes agremiações populares: a Sociedade Brasileira contra a Escravidão, no Flamengo, sob a presidência de Nabuco, e a Associação Central Emancipadora, dirigida por Nicolau Moreira. O manifesto de Joaquim Nabuco — que no mesmo ano de 1830 tivera rejeitado na Câmara um projeto prevendo a libertação dos escravos em dez anos — foi traduzido para o inglês e o francês, sendo lido num banquete no Hotel dos Estrangeiros ao ministro Plenipotenciário norte-americano, que agradeceu a deferência com palavras de estímulo aos abolicionistas.

As associações realizavam conferências no Teatro São Luiz, cedido pelos atores Matos e Dias Braga, com grande êxito. A primeira delas, pronunciada pelo mulato dr. Vicente de Souza, contou com a presença do maestro Carlos Gomes. Entre os outros conferencistas de renome situam-se Lopes Trovão, José do Patrocínio, Ubaldo do Amaral e o Acadêmico de Direito João Brasil Silvado. São feitos também inúmeros recitais de declamação e canto.

Seguindo os passos da "Gazeta da Tarde", que circulava desde 1879, dirigida por Ferreira de Meneses, surge em 1880 "O Abolicionista", órgão da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, além de matérias em outros periódicos, como as caricaturas de Angelo Agostini na "Revista Ilustrada".

Cresce em grande escala o número dessas organizações populares. A 10 de maio de 1883 redem-se no meio da "Gazeta da Tarde", já agora dirigida por José do Patrocínio, a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, a Sociedade Emancipadora de São Paulo, o Clube Libertador Pernambuco, o Clube dos Libertadores do Rio de Janeiro, o Clube Abolicionista Ferreira de Meneses, o Clube Abolicionista Sampaio, o Clube Abolicionista Cearense, o Clube Abolicionista Guttemberg, o Clube Libertador José do Patrocínio e o Clube Libertador Joaquim Nabuco, com o apoio do Grande Oriente do Brasil, principal loja maçônica do País.

A reunião aprovou a proposta de Patrocínio propondo a formação da Confederação Abolicionista, sendo indicados para dirigí-la, entre outros, o comerciante João Clapp, dr. André Rebouças, dr. Bittencourt Sampaio, Aristides Lobo, Patrocínio.

No dia 28 de agosto de 1883 foi lido no teatro D. Pedro II (na rua da Guarda Velha, hoje 13 de Maio) o manifesto da Confederação, onde se mostram as vantagens do trabalho livre e se fazem ameaças diretas aos legisladores que entravam a emancipação.

A Confederação cumpriu extenso programa de propaganda e de assistência aos escravos fugidos, além da ação extralegal, ajudando no transporte de fugitivos e escondendo-os de seus senhores e da polícia. Inúmeras pessoas cediam locais em suas chácaras, onde se formavam verdadeiros quilombos, com escravos do Rio e outros vindos de São Paulo, Pernambuco e Maranhão.

Outro aspecto interessante dessa luta popular foi a chamada "limpeza de ruas", feita em 1884. Era a propaganda, feita principalmente pelos estudantes da Escola Politécnica, contra a escravidão nas redondezas, oferecendo pequenas indenizações, mas na verdade coagindo os senhores a libertarem os escravos. Assim é que, sob a direção de uma comissão encabeçada pelo tipógrafo Procopio Russell, Ernesto Senna e outros, em pouco tempo não havia mais escravos nas ruas do Ouvidor 7 de Setembro, Uruguiana, Travessa Ouvidor e adjacências.

Tal era a agitação, que o Barão de Cotegipe, um dos principais chefes escravocratas, aconselha no Senado a repressão aos movimentos populares em defesa dos escravos.

Também as mulheres participavam ativamente da campanha, havendo fundado o Clube José do Patrocínio, feminino, cuja diretoria era composta pelas senhoras Virginia Villa-Nova, Adelfina dos Santos e Henriqueta Senna, tendo na Comissão Executiva as senhoras Eponina Senna, Caetida de Souza e Rosalina de Senna.

Os artistas — atores, atrizes, cantores, músicos, etc. colaboravam na campanha, com recitais, concertos, peças teatrais e outras realizações, destacando-se nomes como Chiquinha Gonzaga, Vasques, Artur Napoleão e Leopoldo Miguez.

A campanha financeira era feita através de métodos ainda hoje usados, tais como "livros de ouro" para contribuições para a alforria, havendo um na Câmara Municipal e vários pelo interior, "matinées" pagas, conferências, listas de contribuições, etc.

Tão grandes foram os efeitos dessa campanha popular que, ao ser assinada a Lei Aurea em 1888, quase já não havia escravos a libertar. Tanto que dos 1.800.000 escravos inscritos em 1872, apenas 720.000 se inscreveram em 1887, tendo se libertado, na luta, 900.000 nesse período.

## A BATALHA NO PARLAMENTO

A leitura, nos anais da Câmara, das discussões e votações da reforma do estado servil, chega a ser pitoresca quando fazemos a analogia com as discussões de hoje sobre a reforma agrária. Tal a semelhança, que nos parece que a maioria dos atuais parlamentares são homens do século passado, inexplicavelmente falando e votando ainda hoje.

O Congresso "discutiu" a abolição da escravidão durante mais de meio século. Já em 1831 era aprovada a proibi-

ção do tráfico, e a abolição completa do estado servil já era estudada desde 1837, apesar de haver sido rejeitada a primeira proposta concreta feita na Câmara nesse sentido em 1870 pelo deputado Jerônimo Sodré, professor da Faculdade de Medicina da Bahia, que pregava uma abolição imediata e radical.

Limitemo-nos a examinar alguns trechos de discursos pronunciados em sessões de maio a julho de 1871 na Câmara — período em que o presidente do conselho, Visconde do Rio Branco, compareceu ao Parlamento para encaminhar a votação da "Lei do Ventre Livre", que acabou sendo aprovada em setembro —, e os rápidos debates de 1888, quando foi apresentada a "Lei do Trono" propondo a "Lei Aurea".

Visconde do Rio Branco inicia seu discurso em tom cauteloso, procurando convencer os deputados de que a reforma proposta não é das que "possam comprometer os interesses vitais do País, quando se tem muito em vista respeitar a propriedade e bem resguardá-la", alertando que a escravidão "é uma questão incandescente que pode causar grande abalo no País".

Os parlamentares defendiam a tese — que ainda hoje defendem quanto aos camponeses — de que não adiantava nenhum passo para alforriar os escravos sem "prepará-los" para a nova vida, obrigando o presidente do Conselho a retrair, dizendo que "subordinar a medida a este programa de colonização, canais, estradas de ferro, escolas de educação de menores libertados, estatística, importação, proeminência industrialmente, nunca levá-la a efeito".

Os deputados de oposição, para a "Lei do Ventre Livre", a indenização dos senhores pelos escravos libertados (indenização apenas aos 21 anos de idade, como depois veremos mais em detalhes pelo texto da lei). Mesmo assim, porém, os parlamentares, que não queriam reforma de espécie alguma, procuravam obstruir os debates, inventando cifras astronômicas.

Aliás, quanto à indenização dos senhores de escravos, é interessante referir ao episódio de uma entrevista concedida a respeito pelo chefe positivista brasileiro Teixeira Mendes, que, indagado pelo jornalista, respondeu: "Sim. Deve haver indenização". E, depois da surpresa causada, completou: "Mas os escravos é que devem recebê-la".

Um dos principais argumentos dos escravocratas era já aquela época, o da ameaça à propriedade privada, "base sagrada da sociedade", conforme o próprio Visconde do Rio Branco se referiu no discurso feito na sessão do dia 30 de maio na Câmara, dizendo: "Parece-me estar ouvindo um sussurro, e o eco repetir: Sois abolicionista; quereis confiscar o País; destruir a lavoura, já tão acabrunhada; estancar uma das fontes da riqueza pública e privada; finalmente, destruir a propriedade constituída sobre os escravos". Na sessão de 15 de julho, o deputado Alencar Arraipe defendendo a lei do "Ventre Livre" denunciou outra instituição que procura por todos os meios obstar a libertação: O Clube da Lavoura e do Comércio — ancestral da Associação Comercial e da Confederação Rural Brasileira de hoje.

Diz o deputado Arraipe: "Ainda há pouco teve lugar nesta corte uma reunião de fazendeiros, a que assistiram os ilustres deputados dissidentes; e o que ali se resolveu? O Clube da Lavoura e do Comércio (assim se denominou a associação nessa ocasião fundada) começou protestando que não pretendia criar dificuldades nem contrariar o princípio da libertação da escravatura; mas acabou decidindo que só aceitará medidas preparatórias, só quereria uma transformação gradual, operada pela prudência dos estadistas, a quem a nação delegasse sucessivamente os poderes constitucionais. Ora, quem quer a emancipação com todos esses requisitos não a quer em verdade; só busca paliativos, que devem piorar a nossa condição em relação à solução do problema emancipador".

E Arraipe Lima, ridicularizando os que se opunham à reforma, afirmava: "No século XIX, no ano de 1871, na quadra do vapor e da eletricidade, os nobres deputados recorrem a medidas lentas, seculares, para a extinção da escravidão". (Não podia o deputado prever que em pleno século XX, da energia atômica e das viagens espaciais, nossos camponeses ainda vivem em estado de semi-servidão).

E já naquela época também se usava o atual processo de retirar-se para prejudicar o quorum para as votações como advertiu o deputado Teixeira Jr. em sessão de 25 de julho: "Nenhum deputado pode escusar-se de votar, desde que está presente. Nenhum de nós tem o direito de ausentar-se intencionalmente para embaraçar as decisões da Câmara".

E convém lembrar que a lei do "Ventre Livre" era simplesmente uma dessas leis complicadas, dúbias, que não alforriava, absolutamente, o filho da escrava desde o seu nascimento, mas dava ao senhor o direito de utilizá-lo até os 21 anos de idade. A criança ficava com a mãe até os oito anos. Nessa ocasião o senhor tinha direito de utilizar os serviços do menor ou receber uma indenização do governo, que se encarregaria do menor. Isto é, não se tratava de nenhuma libertação, mas sim de compra do escravo pelo governo, que também tinha direito de explorar seus serviços até 21 anos.

Bem, apesar disso, a lei foi aprovada, e mais tarde também o foi a dos Sexagenários (28-9-1885); outro esbulho, de vez que alforriava, na prática, os escravos que, pelo adian-

tado da idade, não mais podiam trabalhar, ficando inclusive sem meios de garantir a subsistência como cidadãos livres.

E só em 1888 isto é, 17 anos depois da "Lei do Ventre Livre", viria a ser aprovada a lei Aurea, a 13 de maio, ainda assim com inúmeras resistências. E se foi aprovada num tempo mínimo — a "fala do trono" foi apresentada à Câmara dia 8 de maio; sofreu três discursos, foi emendada e aprovada, e levada ao Senado dia 10, começando a ser discutida dia 11, para já dia 13 estar sancionada pelo Executivo — a razão desta rapidez é explicada pela violência e legítima pressão popular que se fez junto ao Parlamento. Basta dizer que nos dias em que a lei foi discutida, o povo não só lotou completamente as galerias do Senado e da Câmara, como as adjacências dos prédios onde funcionavam, em vigorosas manifestações.

Essa pressão, aliás, era exaltada por Joaquim Nabuco na sessão de 8 de maio que, depois de pedir à Câmara e seu presidente "que tenham tolerância para esta manifestação que o povo brasileiro acaba de fazer dentro de seu recinto", afirma: "É preciso, porém, que todo o vapor da opinião nacional entre nas caldeiras estragadas do Senado, para que a locomotiva da liberdade possa galgar as montanhas que temos que transpor".

Mas, ainda assim, os representantes dos senhores de escravos procuravam reagir, embora já se soubessem vencidos. Nesse sentido é interessante o discurso de Andrade Figueira (cujo nome, por coincidência, tem as mesmas iniciais de Armando Falcão), procurando atrapalhar a votação do projeto com detalhes do regimento interno da Câmara, protestando contra a presença do povo, segundo essa expressão: "convertendo a augusta majestade do recinto em corte de cavalinhos".

E os argumentos de Figueira pouco divergem de alguns deputados atuais. Condena "a intervenção dos poderes públicos na solução de um assunto eminentemente social, que aos interessados, à sociedade, e não ao poder público compete ter". Mais adiante, furioso com o movimento popular de libertação dos escravos, investe contra o exército porque este se recusou ao serviço de capturar escravos fugidos, os militares não querendo desempenhar o papel de capangas do mal. Como hoje fazem seus descendentes políticos, o deputado Figueira prevê a anarquia na produção e chora as dificuldades financeiras dos senhores de escravos, sem sua força de trabalho e sem indenização pela perda.

E o deputado Alfredo Chaves, na mesma linha, ataca o projeto, dizendo que, "nas condições em que se acha, é também uma ameaça iminente à ordem pública, porque não se tomaram precauções para garantir a sociedade contra essa classe de cidadãos novos que a ela são atraídos, sem os meios, sequer, de proverem a sua subsistência", o que originou o aparte gozativo do deputado Zama: "É admirável essa compaixão pelos escravos".

Para finalizar, é interessante citar um trecho do discurso proferido no Senado pelo Barão de Cotegipe, acirrado escravocrata, onde diz:

"Enfim, senhores, decreta-se que neste País não há propriedade, que tudo pode ser destruído por meio de uma lei, sem atenção nem a direitos adquiridos, nem a inconvenientes futuros. Sabeis quais as consequências? Não é segredo: daqui a pouco se pedirá a divisão das terras, do que há exemplo em diversas nações, desses "latifúndios", seja de graça ou por preço mínimo, e o Estado poderá decretar a expropriação sem indenização".

Mas, não obstante, a lei — curtíssima, apenas dois artigos: (Art. 1.º — É declarada extinta, desde a data desta lei, a escravidão no Brasil; Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário) — é aprovada, contra o voto de apenas nove deputados: Barão de Araçá, Bulhões de Carvalho, Castriote, Pedro Luiz, Bezamat, Alfredo Chaves, Lacerda Werneck, Andrade Figueira e Cunha Leitão, cuja lembrança nos transporta a nomes atuais como João Mendes, Armando Falcão, Herbert Levy, Amaral Peixoto, Horácio Lacerda, Raimundo Padilha, Gustavo Capanema, Pedro Aleixo e Daniel Faraco.

## AS REFORMAS ATUAIS

Estão aí, em breves traços, fatos da abolição da escravatura. São passados 75 anos de sua promulgação. Mas os fatos com que se defronta hoje o povo brasileiro mostram que pouca coisa mudou nos métodos e formas de luta necessários à conquista de modificações profundas na estrutura do País.

E o exemplo do passado a guiar nossos passos. A abolição da escravatura ensina que não seria conseguida sem a luta de massas, sem a organização popular em torno da reivindicação, sem a legítima pressão sobre os legisladores.

E o que vemos agora em torno da necessidade inadiável de uma reforma agrária imediata. Se o povo ficar assistindo aos debates e esperando, os parlamentares continuarão com suas divagações sobre o direito de propriedade, a subversão da ordem, a anarquia da economia e outros argumentos para a manutenção desse "status" inumano e indefensável. E teremos mais meio século de proleções, de debates, de medidas paliativas. Não é o caminho que serve,



# NOVOS RUMOS